

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE DESIGN INDUSTRIAL
TECNOLOGIA EM DESIGN GRÁFICO**

THALITA DE ASSIS DANTAS

**ASSÉDIO EM ESPAÇO PÚBLICO: UMA ANÁLISE DE AUDIOVISUAIS
SOBRE O TEMA**

TRABALHO PARA CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA

2018

THALITA DE ASSIS DANTAS

**ASSÉDIO EM ESPAÇO PÚBLICO: UMA ANÁLISE DE AUDIOVISUAIS
SOBRE O TEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial – DADIN – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo

Orientador: Prof^a. MSc. Fabiane Lima

**CURITIBA
2018**

TERMO DE APROVAÇÃO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 068

ASSÉDIO EM ESPAÇO PÚBLICO: UMA ANÁLISE DE AUDIOVISUAIS SOBRE O TEMA

por

Thalita De Assis Dantas – 1724568

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no dia 19 de junho de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de TECNÓLOGO EM DESIGN GRÁFICO, do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A aluna foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo, que após deliberação, consideraram o trabalho aprovado.

Banca Examinadora:

Profa. Marinês Ribeiro dos Santos (Dra.)
Avaliadora
DADIN – UTFPR

Profa. Elisa Peres Maranhão (MSc.)
Convidada
DADIN – UTFPR

Profa. Fabiane Alves De Lima (MSc.)
Orientadora
DADIN – UTFPR

Prof. André de Souza Lucca (Dr.)
Professor Responsável pelo TCC
DADIN – UTFPR

“A Folha de Aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso”.

ΕΠÍΓΡΑΦΕ

“And yet does it not all come again to the fact that it is a man's world? For if a man chooses to be promiscuous, he may still aesthetically turn up his nose at promiscuity. He may still demand a woman be faithful to him, to save him from his own lust. But women have lust, too. Why should they be relegated to the position of custodian of emotions, watcher of the infants, feeder of soul, body and pride of man? Being born a woman is my awful tragedy. [...] Yes, my consuming desire to mingle with road crews, sailors and soldiers, bar room regulars - to be a part of scene, anonymous, listening, recording - all is spoiled by the fact that I am a girl, a female always in danger of assault and battery. My consuming interest in men and their lives is often misconstrued as a desire to seduce them, or as an invitation to intimacy. Yet, God, I want to talk to everybody I can as deeply as I can. I want to be able to sleep in an open field, to travel west, to walk freely at night ...” (PLATH, Sylvia. 1951)

RESUMO

DANTAS, Thalita de Assis. **Assédio em Espaço Público: Uma análise de audiovisuais sobre o tema.** 2018. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

Esse projeto analisa três projetos audiovisuais de países diferentes, sendo eles os vídeos “Efeito Dominó — O assédio” de Thais Maranhão (brasileiro), “*Walking Home*” de Nuala Cabral (estadunidense) e “*Concience Shadow*” de Abeer Sallam (iemenita), com o objetivo de comparar a maneira que cada um utiliza as ferramentas cinematográficas e contribuir para discussão entre assédio em espaço público e o papel do design na conscientização de questões sociais. As análises têm caráter reflexivo e técnico, e a partir delas foi possível concluir que os vídeos refletem as características dos países em que foram criados, como sua cultura e período, assim como as características de quem o fez.

Palavras-chave: Assédio. Mulher. Audiovisual. Análise.

ABSTRACT

DANTAS, Thalita de Assis. **Public Harassment: An analysis of audiovisuals on the subject.** 2018. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso – Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

This project analyze three audiovisual projects from different countries: “Efeito Dominó — O assédio” by Thais Maranhos (brazilian), “Walking Home” by Nuala Cabral (american) and “Conscience Shadow” by Abeer Sallam (yemenite), and the objective is to compare the way each one of them use the cinematographic tools and contribute to the debate between public harassment and the role of design in raising awareness on social issues. The analyses are of reflective and technical character, and the conclusions drawn from them is that the videos reflect the characteristics of the countries where they were made, like their culture and the period period they are living, as well as the characteristics of the people who made them.

Keywords: Harassment. Woman. Audiovisual. Analysis.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	— Trem de agitprop V.I. Lénine.....	12
FIGURA 2	— Gráfico “Onde já recebeu cantada?”.....	15
FIGURA 3	— Gráfico “Prevalência de assédio sexual na rua”.....	16
FIGURA 4	— Gráfico “Quem são os assediadores de rua?”.....	16
FIGURA 5	— Gráfico “Assédio em Espaços Públicos”.....	18
FIGURA 6	— Gráfico “Você já sofreu assédio no ônibus?”.....	19
FIGURA 7	— Gráfico “Com qual idade você sofreu o primeiro assédio no transporte público?”.....	19
FIGURA 8	— Gráfico “Qual a sua ocupação?”.....	20
FIGURA 9	— Gráfico “Como você reagiu ao assédio?”.....	20
FIGURA 10	— Primeiro plano.....	27
FIGURA 11	— Segunda tentativa de primeiro plano.....	28
FIGURA 12	— Planos.....	29
FIGURA 13	— Alguns ângulos.....	30
FIGURA 14	— Alguns movimentos de câmera e lente.....	31
FIGURA 15	— Efeito Kuleshov.....	33
FIGURA 16	— Variação dos plano.....	40
FIGURA 17	— Movimento da câmera.....	41
FIGURA 18	— Alaranjado.....	42
FIGURA 19	— Citações.....	43
FIGURA 20	— Gráfico “Tipos de Assédio em Espaço Público Reportados Por Raça”.....	46
FIGURA 21	— Você me vê, uma mulher na rua, pernas morenas e sedosas, seios pequenos.....	48
FIGURA 22	— Cabelo longo e cacheado, em um vestido de verão, jeans, moletom.....	48

FIGURA 23	— Banca de jornais.....	49
FIGURA 24	— Pés caminhando.....	50
FIGURA 25	— Você pega no meu braço.....	51
FIGURA 26	— Você não lembra de mim, você nem me conhece.....	51
FIGURA 27	— Mas eu te conheço, e eu sei o que acontece agora.....	52
FIGURA 28	— Você vira e encara.....	52
FIGURA 29	— Assediador.....	53
FIGURA 30	— Detalhes.....	54
FIGURA 31	— Rotina.....	55
FIGURA 32	— Diferença nos tons.....	56
FIGURA 33	— Diferença nos tons dos pés.....	56
FIGURA 34	— Continuo a andar.....	57
FIGURA 35	— Rosa branca.....	61
FIGURA 36	— Tempo livre.....	62
FIGURA 37	— Veladas.....	62
FIGURA 38	— Instinto fisiológico.....	63
FIGURA 39	— Doença mental.....	63
FIGURA 40	— A comunidade é doente.....	64
FIGURA 41	— Eu poderia matar.....	64
FIGURA 42	— Lados diferentes.....	65
FIGURA 43	— Mãos.....	65
FIGURA 44	— Mãos da vítima.....	66
FIGURA 45	— Ilustrações.....	66
FIGURA 46	— Relação entre fala e desenho.....	67
FIGURA 47	— Encenação.....	67
FIGURA 48	— Encenação.....	68
FIGURA 49	— Conclusão.....	68

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	—	Tipos de documentários.....	34
TABELA 2	—	Dados de produção do vídeo "Efeito Dominó — O Assédio"	38
TABELA 3	—	Laranja.....	42
TABELA 4	—	Dados de produção do vídeo "Walking Home".....	47
TABELA 5	—	Dados de produção do vídeo "Conscience Shadow".....	59
TABELA 6	—	Tabela comparativa.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	OBJETIVO GERAL.....	14
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.3	JUSTIFICATIVA.....	14
1.4	METODOLOGIA.....	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1	ASSÉDIO EM ESPAÇO PÚBLICO.....	22
2.2	LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA.....	26
2.3	DOCUMENTÁRIOS.....	33
3	ABORGADEM METODOLÓGICA.....	36
4	EFEITO DOMINÓ - O ASSÉDIO.....	37
4.1	PANORAMA.....	37
4.2	DADOS DE PRODUÇÃO.....	38
4.3	ANÁLISE.....	39
5	WALKING HOME.....	44
5.1	PANORAMA.....	44
5.2	DADOS DE PRODUÇÃO.....	47
5.3	ANÁLISE.....	47
6	CONSCIENCE SHADOW.....	58
6.1	PANORAMA.....	59
6.2	DADOS DE PRODUÇÃO.....	60
6.3	ANÁLISE.....	69
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
	REFERÊNCIAS.....	78
	APÊNDICE A.....	80
	APÊNDICE B.....	82

ANEXO A.....	84
ANEXO B.....	82

1 INTRODUÇÃO

Apesar de sua prevalência, o assédio contra mulheres e garotas em espaços públicos segue sendo um tema negligenciado. Por espaço público entende-se que são “[...] locais e ambientes que a nossa sociedade entende ser aberto a todos [...]”¹, porém, quando se é mulher, o ato de frequentar um espaço público vem com a ameaça de assédio e violência. Sendo assim, assédio em espaço público é um problema de Direitos Humanos, pois fere o direito de uma pessoa de estar em público, limitando seu acesso ao trabalho, educação, ou meramente desfrutar de sua comunidade.

Identificar o problema, refletir sobre ele e tomar ação é também papel do design. Como diz Braga (2011) em seu livro “O Papel Social do Design Gráfico”, ser consciente de seus deveres e de seu papel na sociedade é também uma atitude cidadã. O design, além de tudo, tem uma obrigação social; é de sua responsabilidade gerar discussões, conscientizar a população e difundir ideias em busca de melhorias sociais, já que ele influencia comportamentos e auxilia na construção e desconstrução de valores e costumes que validam as desigualdades sociais. Inclusive, primeiramente tinha-se o objetivo de fazer esse projeto ser uma campanha contra assédio sexual, focado especialmente em assédio sexual no transporte público, sendo que existe muitas campanhas como essa pelo país — como a Busão Sem Abuso, lançada em Curitiba em 2014, e #MeuCorpoNãoÉPúblico, criada online por um grupo de publicitárias em — que têm debatido o assédio em vias públicas e ônibus. Essas campanhas citadas utilizam materiais gráficos e redes sociais para mobilizarem a população, porém cada vez mais vem utilizando-se o audiovisual para abordar o tema — como a campanha Chega de Fiu Fiu, lançada em 2013 pela ONG Think Olga, que promete um documentário sobre assédio em espaço público, e a campanha Precisamos Falar de Assédio, que lançou um filme em 2016 reunindo o relato de várias mulheres sobre o assunto.

Campanhas utilizando o cinema como ferramenta começaram a se tornar populares na época da revolução russa, quando foi criado um conceito

¹ “By public places, I mean those sites and contexts that our society understands to be open to all; our characteristic behavior and appearance for public places do and are meant to vary from those for private dwellings.” (BROOKS, Carol.)

chamado Agitprop, abreviação de agitação e propaganda (em Russo "*agitasiya propaganda*"), que buscava disseminar ideias e princípios para a sociedade, influenciando e mobilizando a opinião pública. O propagandista, segundo Vladimir Lenin em *What Is To Be Done?* (1902), que tem por intermédio a “publicação”, expõe as causas das desigualdade sociais, enquanto o agitador, que tem por intermédio o discurso, apropria-se dos aspectos emocionais dos problemas para gerar indignação ou ação por parte da audiência. Com esse propósito, artistas, estudantes e soldados do exército vermelho usavam as mais diversas formas de linguagem como técnicas de agitprop, como as artes plásticas, a oratória, o jornalismo, a música, o teatro e o cinema; que eram difundidos por um trem (Figura 1), onde em cada vagão continha um tipo diferente de agitprop.



Figura 1 — Trem de agitprop V.I. Lénine
Fonte: Reprodução Arts Appliqués (2015)

Esses tipos de mídias, como cinema e televisão, continuam sendo muito importantes, e com o avanço da tecnologia, houve uma facilidade maior de acesso aos meios de produção e divulgação, tornando linguagens como o

cinema e a televisão mais acessíveis e menos elitizadas, não só para as classes mais baixas como também para as mulheres e outras minorias que não tinham chance de terem suas vozes ouvidas. Uns dos facilitadores de registro e divulgação é o celular e a internet, que possibilita que as pessoas possam registrar, por exemplo, assédios ocorrendo, e imediatamente compartilhar com milhares de pessoas pelo mundo². Com isso, as pessoas conseguiram observar que assédios — sejam por racismo, homofobia, por ser mulher — acontecem mais frequentemente do que se imaginava, e que elas não estão sofrendo isso sozinhas.

Por muito tempo as mulheres tiveram a noção de que todas as dificuldades de suas vidas eram originadas e só podiam ser resolvidas por elas mesmas, o que a autora Carol Hanisch (1969) em seu texto *O Pessoal é Político* chama de “solução pessoal”. Porém, ela defende que o problema pessoal é também político, ou seja, assim que as mulheres perceberam que os problemas pelos quais elas passavam não eram acontecimentos isolados e individuais — através de rodas de conversa, foi possível perceber que a solução devia ser buscada de maneira coletiva.

Usando as ferramentas que a tecnologia nos proporcionou, como celulares e câmeras, as mulheres começaram a registrar os assédios que sofriam e a compartilhar com outros, criando assim uma comunidade que incentiva outras mulheres a também registrar as violências que sofrem, contribuindo para discussão. Em 1998 a ativista americana Maggie Hadleigh-West, em seu documentário *War Zone*, conta como comprou uma câmera em uma venda de garagem, sem pensar no que faria com aquilo:

Mas eu acordei uma manhã e eu percebi que na verdade eu tinha uma arma, uma arma que eu poderia usar como uma maneira de tomar de volta o poder que estava sendo tomado de mim toda vez que eu pisava pra fora de casa. Uma arma que eu poderia apontar aos homens do jeito que eles apontaram suas agressões a mim.³ (War Zone, 1998)

Mulheres, antes e depois de Maggie, vêm trazendo então esse debate sobre assédio em espaço público através de vídeos, amadores ou profissionais,

² Atualmente vêm ocorrendo muitos casos de pessoas sendo pegas em câmera dizendo coisas racistas e sendo identificadas posteriormente, ocasionando até a perda de emprego, expulsão de instituições e, claro, com a viralização desses vídeos, sofrem o “linchamento” online.

³ Traduzido do original: “But I woke up one morning and I realized that I actually had a weapon, a weapon that I could use as a way of taking back the power that was being taken from me every time I stepped out of my house. A weapon that I could turn on men the way they turned their aggression on me.” (War Zone, 1998)

sérios ou satíricos, documentários longos ou entrevistas curtas; mas todos muito importantes para a discussão.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar três audiovisuais de países diferentes que discutem o assédio em espaço público, a fim de observar como os três utilizam as ferramentas cinematográficas para abordar o tema e compará-los entre si, contribuindo assim para a discussão entre assédio em espaço público e o papel do design na conscientização de questões sociais.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolvimento e teorização sobre assédio em espaço público e linguagem cinematográfica para fundamentar o projeto que propõe analisar audiovisuais que abordam o tema assédio em espaço público.
- Levantamento de audiovisuais que tenham como tema o assédio em espaço público e selecionar três de maneira que cada vídeo tenha sido desenvolvido em um país diferente.
- Contextualização e análise dos vídeos de acordo com o país em que foram criados.
- Síntese comparativa dos resultados obtidos da análise.

1.3 JUSTIFICATIVA

Em uma pesquisa (Figura 2) feita pela ONG Think Olga em 2013 com 7762 mulheres no Brasil, como parte da campanha Chega de Fiu Fiu — campanha contra o assédio sexual em espaços públicos — 99,6% das

entrevistadas afirmaram já terem sofrido algum tipo de assédio. 98% delas já ouviram cantada na rua, 64% no transporte público e 80% em lugares “semi-públicos”.⁴

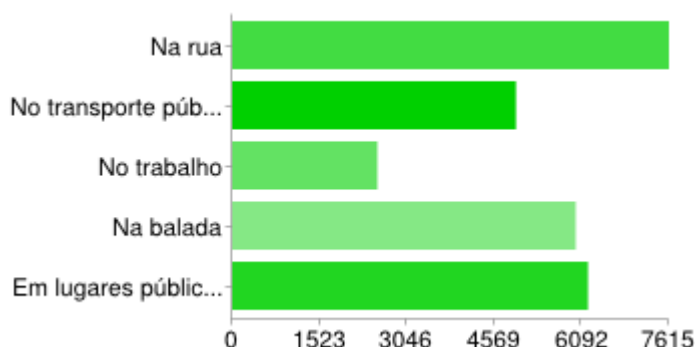


Figura 2 — Gráfico “Onde já recebeu cantada?”
 Fonte: Think Olga (2013)

Em 2014 uma ONG dos Estados Unidos, Stop Street Harassment, também fez uma pesquisa sobre o assunto com 1058 homens e 982 mulheres, e apresenta que o problema atinge outros países também (Figura 3); e mais, mostra a disparidade entre a porcentagem de mulheres e homens assediados, 65% das mulheres entrevistadas já haviam sofrido assédio nas ruas diante de apenas 25% dos homens (Figura 4), expondo que assédio contra a mulher é também uma questão de sexo, pois, além de tudo isso, a mesma pesquisa mostra que ambos homens e mulheres foram majoritariamente assediados pelo sexo masculino.

⁴ “I expand this basic definition to include semipublic venues such as stores and restaurants, public festivals and celebrations, parks and recreational areas, and places of entertainment like movie houses and concert halls.” (GARDNER, Carol.)

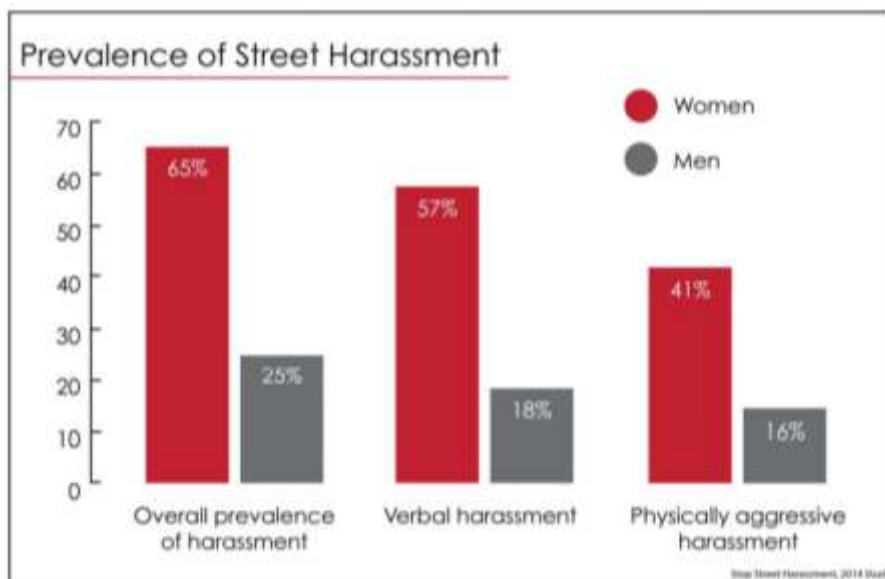


Figura 3 — Gráfico “Prevalência de assédio sexual na rua”
 Fonte: Stop Street Harassment (2014)

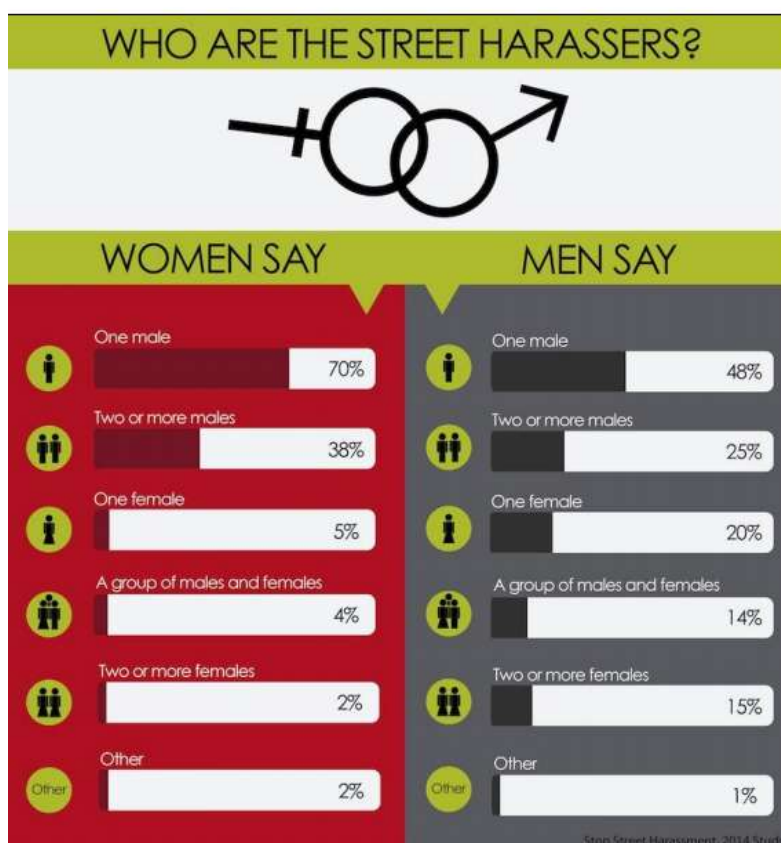


Figura 4 — Gráfico “Quem são os assediadores de rua?”
 Fonte: Stop Street Harassment (2017)

Em uma pesquisa feita pelo ActionAid (Figura 5) em diversos países em 2016, é possível observar que o Brasil lidera os índices de assédio, com 86% das brasileiras ouvidas afirmando terem sido assediadas em espaços públicos. A

pesquisa foi feita em quatro países: Brasil, Tailândia, Índia e Reino Unido, e participaram 2.518 mulheres acima de 16 anos.

Nessa pesquisa também é possível observar que as brasileiras têm muito medo de sofrer assédio no transporte público, um espaço onde o assédio é ainda menos discutido. Segundo Yavuz e Welch (2010), as mesmas condições que causam medo nas ruas são as que motivam medo no transporte público — ambientes desconhecidos, proximidade com pessoas desconhecidas, incapacidade de controlar interações sociais (apud BUCKLEY, 2016). Pode-se dizer que esses medos são até amplificados no transporte público pois os assediadores frequentemente tiram vantagem desse espaço para “disfarçar” suas intenções, atribuindo a culpa ao excesso de passageiros ou ao movimento do transporte.

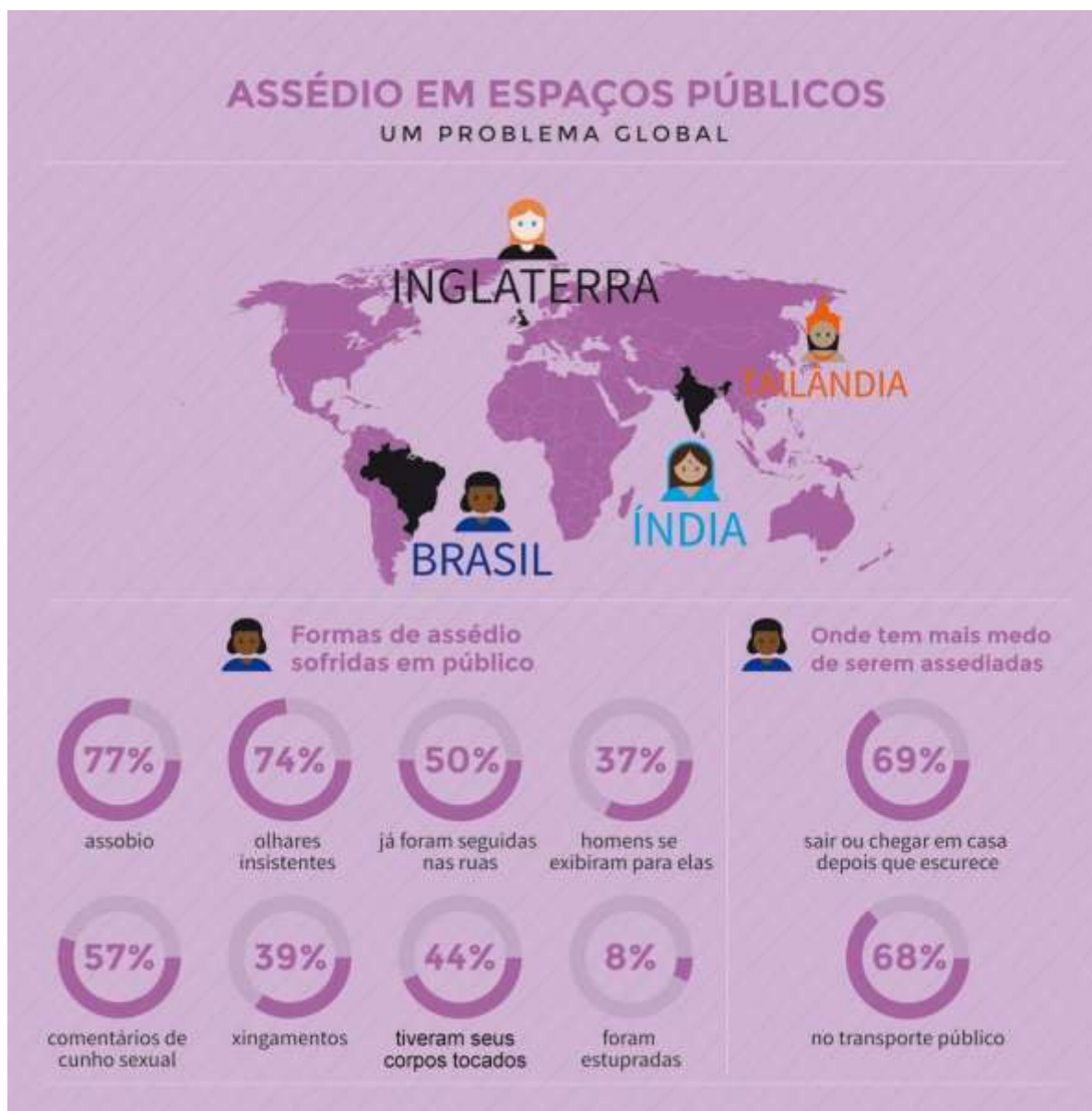


Figura 5 — Gráfico “Assédio em Espaços Públicos”
Fonte: ActionAid (2016)

Em Curitiba, no ano de 2017, participei da elaboração de uma pesquisa que buscava recolher dados sobre assédio nos transportes públicos de Curitiba, em colaboração com o gabinete da vereadora Maria Leticia Fagundes, onde estava estagiando. Saíamos em equipe (8 mulheres e 1 homem) e nos posicionávamos em estações tubo, pontos de ônibus, praças e universidades — as pessoas podiam também fazer a pesquisa online, pois ela foi divulgada pelas redes sociais. Abordávamos principalmente mulheres, de todas as idades, porém

entrevistamos alguns homens também, para fins de comparação⁵. Das 680 mulheres que participaram dessa uma pesquisa (Figura 6), 64% delas afirmaram já terem sofrido assédio em transporte público, até mais de uma vez. Dessas mulheres que declararam terem sofrido assédio, 57% delas alegam que sofreram o primeiro assédio quando ainda eram menores de idade (Figura 7), o que se justifica na Figura 8 onde é possível observar que as mulheres que utilizam o transporte público são majoritariamente estudantes.

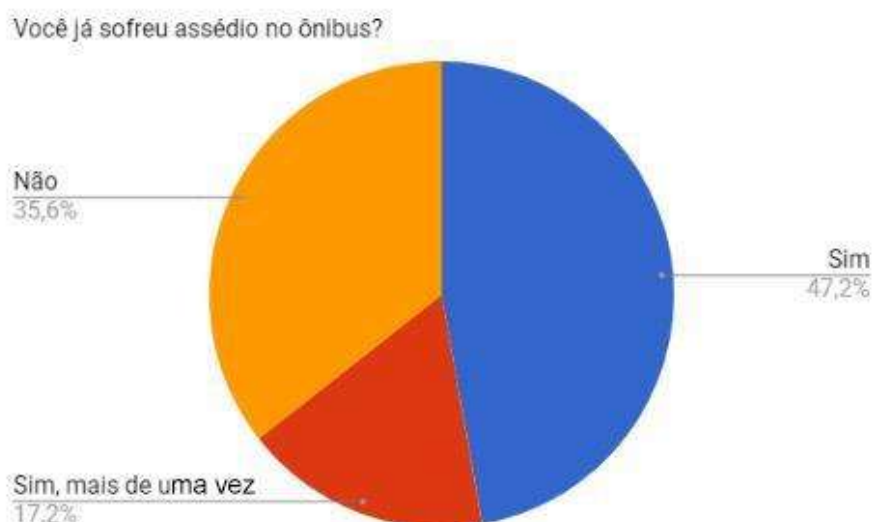


Figura 6 — Gráfico “Você já sofreu assédio no ônibus?”
Fonte: Gabinete Vereadora Maria Leticia Fagundes (2017)

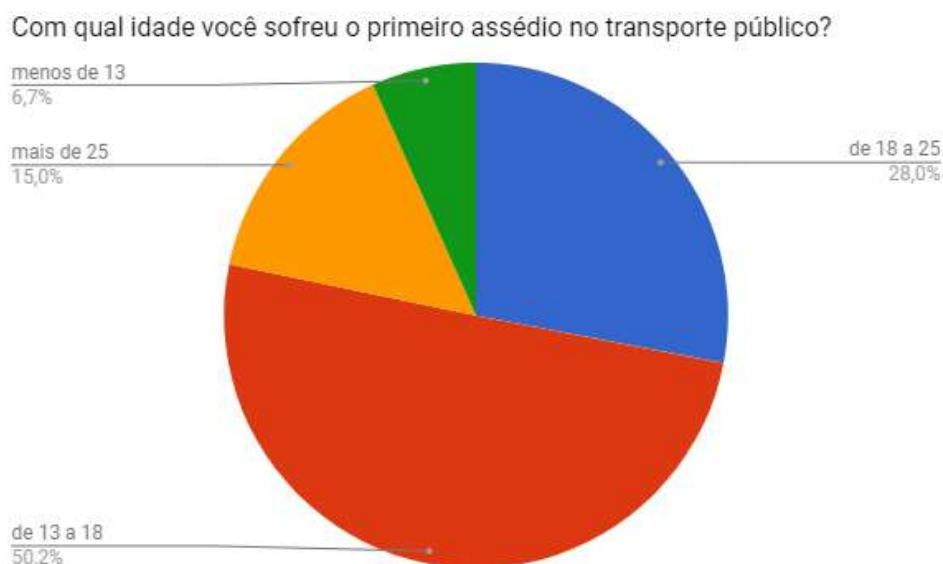


Figura 7 — Gráfico “Com qual idade você sofreu o primeiro assédio no transporte público?”
Fonte: Gabinete Vereadora Maria Leticia Fagundes (2017)

⁵ Com o tempo nos sentimos desencorajadas de abordar os homens por conta das atrocidades que ouvíamos.

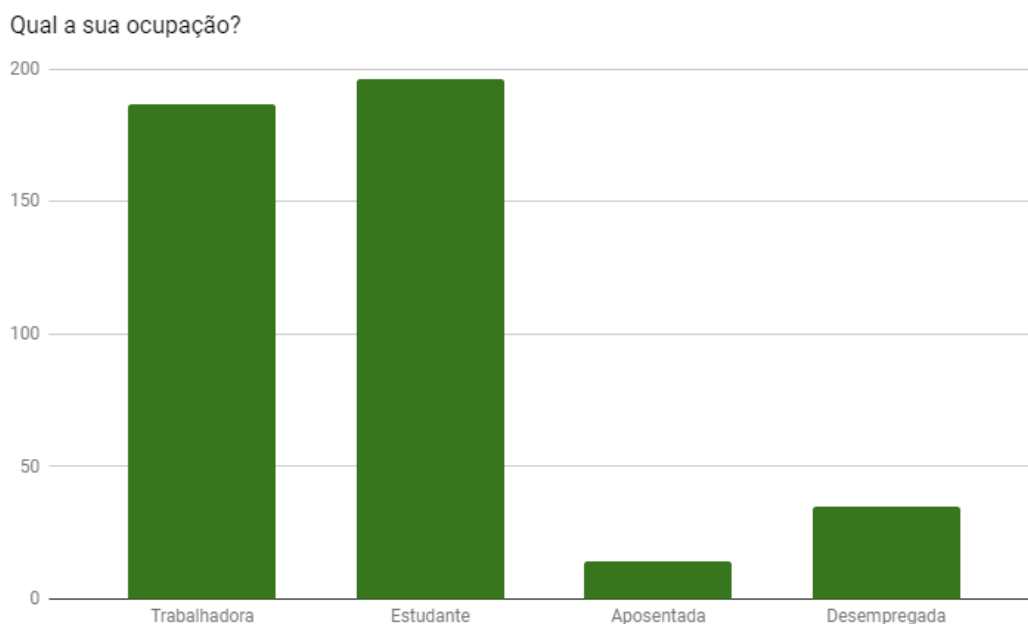


Figura 8 — Gráfico “Qual a sua ocupação?”
Fonte: Gabinete Vereadora Maria Leticia Fagundes (2017)

Apesar de campanhas atuantes em Curitiba, como a Busão Sem Abuso, já citada anteriormente, os níveis de denúncia ainda são muito baixos. De acordo com a pesquisa, apenas 0,4% das mulheres que já sofreram assédio no transporte público chegaram a denunciá-lo.

Como você reagiu ao assédio?

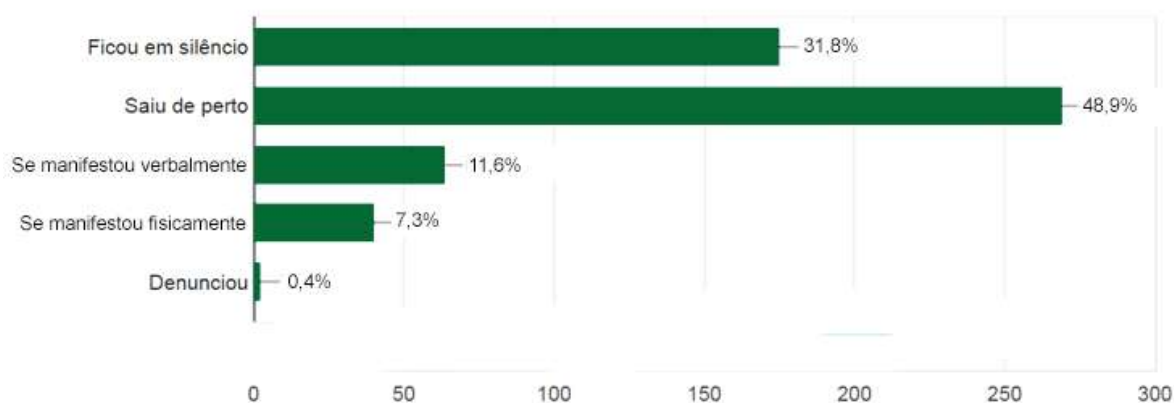


Figura 9 — Gráfico “Como você reagiu ao assédio?”
Fonte: Gabinete Vereadora Maria Leticia Fagundes (2017)

Com o conhecimento, obtido a partir dos dados apresentados, de que o assédio em espaço público é um problema que precisa ser mais discutido, e

analisando o problema do ponto de vista do design, esse projeto busca contribuir para a discussão entre assédio em espaço público e design, analisando o modo que as ferramentas do designer atuam na construção de uma mensagem.

1.4 METODOLOGIA

Foram pensadas duas etapas para o desenvolvimento deste trabalho, a primeira sendo a fundamentação teórica — para compreender mais profundamente o assédio em espaço público e a linguagem cinematográfica. A segunda etapa será a aplicação desses conhecimentos na análise dos vídeos. Esse processo não será obrigatoriamente linear, podendo ser, por vezes, um ciclo; onde a fundamentação teórica será continuada nas análises, pois surgirá momentos em que será preciso pesquisar novos tópicos que surgirão nas análises.

Para a fundamentação sobre assédio em espaço público serão utilizados os livros “Passing By: Gender and Public Harassment” (1995) da Carol Brooks Gardner, “Wanderlust: A History of Walking” (2000) da Rebecca Solnit, “The Creation of The Patriarchy” (1986) da Gerda Lerner” e o texto de Mark Wigley no livro “Sexuality and Space” (1992). Brooks vai auxiliar na definição de assédio em espaço público, Solnit falará sobre o histórico do assédio, e Wigley e Lerner falaram dos métodos que os homens vem usando desde a antiguidade para segregar as mulheres do espaço público.

Para estudar a linguagem cinematográfica serão utilizadas as obras “Pré-cinema e pós-cinema” (1997) de Arlindo Machado e “Documentary: A History of Non-Fiction Film” (1974) de Erik Barnouw para falar sobre a história do cinema, e o documentário “A Talk With Hitchcock” (1964) para falar sobre algumas técnicas. A obra “Introdução ao documentário” de Bill Nichols (2012) para falar sobre documentários.

Os livros “Lendo as Imagens do Cinema” (2009), de Laurent Jullier, Magda Lopes e Michel Marie, e “Num Piscar de Olhos” (1992) de Walter Murch, ajudará na análise da sequência das cenas e significados que a montagem traz.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Utilizando as obras já mencionadas no capítulo anterior, neste capítulo pretende-se aprofundar mais a questão do assédio em espaço público e a linguagem cinematográfica.

2.1 ASSÉDIO EM ESPAÇO PÚBLICO

Apesar da frequência com que ocorre e os danos que causam, assédio sexual em espaço público é um tema pouco estudado. Mesmo que ainda não tenha um nome oficial, consideramos assédio:

Assédio de rua com base em gênero são comentários não solicitados, gestos, e ações forçadas sobre um estranho em um espaço público sem o seu consentimento e é direcionado a ele por causa do seu sexo (real ou que lhe é atribuído), expressão de gênero, ou orientação sexual.⁶ (Stop Street Harassment, 2015).

Esse conjunto de ações é denominado de várias maneiras por diversas pessoas em diferentes lugares. De acordo com Piyasree Dasgupta em seu artigo “Why Are We Still Calling Sexual Harassment 'Eve-Teasing' In India?”, no sul da Ásia é comum chamar o assédio em espaço público de “Eve Teasing”, um eufemismo onde “Eve” faz relação a Eva, a primeira mulher segundo a Bíblia. Porém, a expressão não é muito apropriada, pois olhando do ponto de vista semântico, Eva sempre é associada a sua natureza “tentadora”, colocando assim responsabilidade e culpa na mulher como provocadora; assim como, descrever assédio como “provocação” romantiza a situação, dando a entender que a mesma deve ser tolerada. Muitas autoras ocidentais usam termos como “Street Harassment” ou até mesmo, no caso da autora Carol Brooks, em seu livro “Passing By: Gender and Public Harassment”, “Public Harassment”, pois ela leva em consideração, também, os assédios que ocorrem em lugares que ela

⁶ Traduzido do original: “Gender-based street harassment is unwanted comments, gestures, and actions forced on a stranger in a public place without their consent and is directed at them because of their actual or perceived sex, gender, gender expression, or sexual orientation.” (Stop Street Harassment)

denomina como "semi públicos", como shoppings, ônibus, restaurantes, parques, cinemas, etc. (Para outras definições e nomenclaturas, checar apêndice B)

Assédio em espaço público pode acontecer por vários motivos como raça, religião, nacionalidade, classe, ou inaptidão. Assédio é sobre controle e poder, e nenhuma forma de assédio deve ser tolerada. Mesmo que o assédio em espaço público motivado por racismo, homofobia, ou preconceito de classe social, seja reconhecido como um comportamento socialmente inaceitável — e podem também ser perpetuados por mulheres tendo homens como alvo — o assédio de mulheres por homens, motivado por sexo, é tratado como piada, como elogio. Esse tipo de visão tira o peso da violência e coloca a culpa da situação na mulher.

As mulheres tem sido frequentemente punidas e intimidadas por caminhar, por exercer um de seus direitos humanos, o de ir e vir — isso porque seu caminhar, assim como o seu ser, é sexualizado⁷. Um exemplo de como a relação entre mulher e espaço público é sempre vista como sexual é que um dos termos usados para prostitutas em inglês é “streetwalkers”, literalmente traduzido como “caminhantes de rua” - assim como também existem as expressões “mulher pública” e “mulher da rua”. Em sua obra “Wanderlust: A History of Walking”, Rebecca Solnit ainda menciona:

Quando uma mulher viola a convenção sexual pode dizer-se que ela está passeando, vagando, perambulando, rodando — termos que implicam que a viagem de uma mulher é inevitavelmente sexual ou que sua sexualidade é transgressiva quando viaja.⁸ (SOLNIT, 2000. Pág 233.)

Solnit (2000) diz que a ameaça implícita de assédio e até de estupro tem limitado a habilidade das mulheres de andarem em público — e até suas roupas (saltos altos, sapatos apertados, espartilhos e cintas, véus) fazem parte dos costumes sociais que tem incapacitado as mulheres de maneira tão eficiente quanto leis e medo. Roupas sempre foram maneiras de categorizar uma mulher em público, assim como sua vida sexual. No Médio Império Assírio⁹, as mulheres

⁷ Traduzido do original: “Women have routinely been punished and intimidated for attempting that most simple of freedoms, talking a walk, because their walking and indeed their very beings have been construed as inevitably, continually sexual in those societies concerned with controlling women’s sexuality.” (SOLNIT, Rebecca.)

⁸ Traduzido do original: “A woman who has violated sexual convention can be said to be strolling, roaming, wandering, straying — all terms that imply that women’s travel is inevitably sexual or that their sexuality is transgressive when it travels.” (SOLNIT, Rebecca.)

⁹ Por volta do século XVII ao XI AC.

eram separadas em duas categorias: veladas e não veladas. A lei dizia que esposas e viúvas que saíssem na rua não poderiam estar sem véu, enquanto as prostitutas e escravas deveriam estar sem véu, sob risco de levar 50 chicotadas ou ter piche derramado sobre suas cabeças. Gerda Lerner comenta em seu livro “The Creation of Patriarchy” que:

Mulheres domésticas, servindo sexualmente a um homem e sob sua proteção, são aqui designadas como “respeitáveis” por estarem veladas; as mulheres que não estão sob a proteção e o controle sexual de um homem são designadas como “mulheres públicas”, portanto desprovidas de véu.¹⁰ (LERNER, 1986. Pág 135.)

Na Grécia, Mark Wigley (1992) dirá que as mulheres eram vistas como descontroladas pois sua sexualidade era concebida como “fluida” e as deixavam desestabilizadas, além de também desestabilizar o controle de outros (homens)¹¹. Nesse sentido, a arquitetura tinha o papel de explicitamente “controlar a sexualidade, ou mais precisamente, a sexualidade da mulher, a castidade da garota, a fidelidade da esposa”, o que Solnit chama de “véu de alvenaria”.

Enquanto a casa protege as crianças de elementos¹², seu papel principal é proteger as reivindicações genealógicas do pai, isolando as mulheres de outros homens.¹³ (WIGGLEY, 1992. Pág 335.)

Na década de 1910, quando as mulheres começaram ir às ruas reivindicar seu direito ao voto, elas foram recebidas com grande violência. Na Grã-Bretanha, leis foram invocadas para criminalizar a reunião de mulheres em público. Também nos Estados Unidos, mulheres que eram presas por exercer seu direito de estar e falar em público entraram em greve de fome. Os governos então tomaram medidas para alimentar essas prisioneiras a força, o que Solnit (2000) diz que tornou-se uma “nova forma de estupro institucional”:

Mais uma vez mulheres que tentaram participar da vida pública andando na rua foram presas e tiveram a privacidade do interior de

¹⁰ Tradução do original: “Domestic women, sexually serving one man and under his protection, are here designated as “respectable” by being veiled; women not under one man’s protection and sexual control are designated as “public women”, hence un veiled.” (LERNER, Gerda.)

¹¹ Tradução do original: “These internal boundaries ... cannot be maintained by a woman because her fluid sexuality endlessly overflows and disrupts them. And more than this she endlessly disrupts the boundaries of others, that is, men.” (WIGLEY, Mark.)

¹² da natureza.

¹³ Tradução do original: “In these terms the role of architecture is explicitly the control of sexuality, or more precisely, women’s sexuality, the chastity of the girl, the fidelity of the wife. . . . While the house protects the children from the elements, its primary role is to protect the father’s genealogical claims by isolating women from other men.” (WIGGINS, Mark.)

seus corpos violado pelo estado.¹⁴ (SOLNIT, 2000. Pág 240.)

As mulheres frequentemente ocupam o espaço público e vêm sendo intimidadas, se não pela lei, pela ameaça de assédio e até estupro. Sempre sendo vistas como culpadas da situação e ninguém procurando uma solução pública, sempre particular. Use véu, fique em casa, seja escoltada. E hoje em dia as mulheres ainda usam ferramentas e técnicas para tornar o seu andar mais seguro para si mesmas, apenas versões modernas de casas gregas e véus assírios; sempre sendo o papel da mulher controlar o comportamento dela e a reação do homem, e nunca a sociedade garantindo a liberdade da mulher.

No Brasil, mesmo que mais de 99% das mulheres já tenham sofrido assédio sexual em espaço público¹⁵, não existiu, até março de 2018, uma lei que criminalize o ato. A única lei contra assédio que existia no Brasil só previa punição para assédio sexual praticado por superior hierárquico, importunação sexual em espaços públicos era apenas punido com multa. Com a aprovação da lei, assédio sexual em espaços públicos passa a ser crime e ter pena de detenção de cinco anos.

Em Iêmen, país árabe, existe apenas uma lei que pune “Atos Ofensivos em Público”. A punição pelo infringimento desta lei constitui 6 meses de prisão ou pagar uma fiança que não passa de 1000 YR, equivalente a R\$15. A brecha nessa lei é que ela não especifica o que são os atos ofensivos significa, dando espaço para a interpretação do judiciário, que muitas vezes prejudica a mulher.

Nos Estados Unidos, existem leis como *Disorderly Conduct*, *Invasion of Privacy*, e *Sexual Misconduct*, que proíbem muitos atos que o assédio em espaço público tem em comum, porém assim como em Iêmen, não existe lei específica para o assédio em espaço público que as mulheres sofrem como existe para o assédio no trabalho e em escolas. Entretanto, Debjani Roy, diretora da ONG *Hollaback!*, afirma que a organização não defende a criação de leis que criminalizem o assédio em espaço público:

Nós temos um sistema judiciário que atinge desproporcionalmente certas comunidades, e nós não queremos facilitar isso. Criar uma lei

¹⁴ Tradução do original: “Once again women who had attempted to participate in public life by walking down the street were locked up and found the privacy of their bodily interiors violated by the state.” (SOLNIT, Rebecca.)

¹⁵ De acordo com pesquisa da ONG Think Olga.

que ameace assediadores com multas e prisão não é uma ferramenta efetiva por si só. (Daniel Serrano em VICE, 2015)

2.2 LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Em 1895, dois irmãos franceses, August e Louis Lumière, elaboraram um aparelho chamado cinematógrafo, registrando fotogramas sequenciais que criava uma ilusão de movimento e era projetada sobre uma tela. O dispositivo se popularizou e em vários lugares do mundo começaram a criar e exibir filmes também.

Na primeira década do surgimento do vídeo, segundo Arlindo Machado (1997) em seu livro “Pré-cinemas e pós-cinemas”, as películas resumiam-se em *vaudeville*¹⁶, *gags* de comicidade popular, contos de fadas, pornografias¹⁷ e prestidigitação; com linguagem representativa oriunda das formas artísticas eruditas como o teatro, a literatura e a ópera. Desta forma, nos primórdios do cinema a linguagem cênica era apropriada para se pensar e criar os filmes, sendo que os procedimentos técnicos para a concepção da linguagem cinematográfica ainda estavam em desenvolvimento; não existiam estilos de narrativa, enquadramentos, planos e ângulos de câmera, inspirados no teatro e na ópera as películas eram feitas em apenas uma tomada de câmera.

¹⁶ Gênero de entretenimento de variedades predominante nos Estados Unidos e Canadá do início dos anos 1880 ao início dos anos 1930.

¹⁷ “A pornografia, como não podia deixar de ser, corria solta. A Biograph americana e a Pathé francesa transformaram o erotismo em uma de suas especialidades. Cenas de adultério, mulheres se despindo para ir para a cama, personagens míticas fazendo amor, tudo era válido para excitar uma plateia já por si só bastante suscetível. A Biograph produziu vários filmes curtíssimos destinados sobretudo aos peepshows (salas dotadas de quinetoscópios, onde os espectadores espiavam os filmes por visores individuais), nos quais atrizes seminuas davam piscadinhas cúmplices para o espectador, implicando-o abertamente como voyeur dentro da cena. Na França, a Pathé também explorava o nu frontal, sobretudo nos pequenos filmes destinados à exibição nos mutoscópios (o equivalente do quinetoscópio, mas sem uso de película; o “filme” era composto como um livro em que cada página exibia uma imagem do movimento; quando as páginas passavam rapidamente diante do visor individual as imagens pareciam se mover). Nos music-halls e café-concerts, era bastante comum um gênero de filmes conhecido como tableaux vivants (ou poses plastiques, ou ainda living statuary, dependendo do local), que mostrava basicamente mulheres em maiôs colantes ou em trajes sumários, congeladas em gestos provocantes. A masturbação na sala escura acabou por se converter em prática regular e disseminada, verdadeiro ato de provocação coletiva, que resistiria a todas as formas de policiamento.” (MACHADO, Arlindo.)

Enquadramentos começaram a ser levados em consideração quando Edwin Porter, em uma tentativa de deixar a história mais clara para os telespectadores, usou um “primeiro plano” no trecho final de seu filme (Figura 11).



Figura 10 — Primeiro plano

Fonte: The Great Train Robbery por Edwin Porter (1903)

Porter continuou a tentar introduzir a ideia do primeiro plano em seus filmes, e em *Life of an American Fireman* ele insere um primeiro plano de uma mão ligando o alarme de incêndio no meio do filme, de forma mais natural do que tentou fazer anteriormente.



Figura 11 — Segunda tentativa de primeiro plano
Fonte: Life of an American Fireman por Edwin Porter (1903)

Griffith foi o primeiro a notar a relação entre a distância dos planos e a emoção que a cena passava, produzindo uma série de testes que iam do plano geral — já conhecido — até os *close-ups*. Ele acreditava que os ritmos da câmera poderiam possuir uma dinâmica maior em termos de velocidade, emoção, poder narrativo e percepção. Griffith deixou um legado de diversos tipos de enquadramento e posições que utilizou em seus filmes, expandindo as formas de exposição de películas e resultados.

PLANOS (SIGLAS)



Figura 12 — Planos
Fonte: Mauricio Mallet (2015)

Segundo Jullier e Marie (2009), os planos não tem muita utilidade por si mesmo e só passam a ter significados quando inseridos numa sequência. Ou seja, o plano depende da montagem para ter sentido:

[...] aproximar-se ou distanciar-se de alguém ou de alguma coisa transmite muito mais sentido do que a proximidade ou o afastamento isoladamente. (JULLIER; MARIE, 2009)

Os planos e enquadramentos tem o papel de desenvolver uma narrativa compreensível a todos e é umas das noções mais importantes da linguagem cinematográfica, pois enquadrar é decidir o que faz parte do filme e o que não faz, determinando o modo que o espectador perceberá o mundo que está sendo criado pelo filme.

Outras técnicas além de planos e enquadramentos começaram a ser utilizadas mais tarde no cinema — com o avanço tecnológico que permitiu uma melhor mobilidade das câmeras — como o ângulo e movimento de câmera. Os movimentos e ângulos de câmera deixa o filme mais dinâmico e agregam ainda mais significado a história do que apenas imitar o movimento do olho humano, normalmente se resumindo ao movimentos panorâmicos (que correspondem à

ação de virar a cabeça) e aos *travellings* (que têm por objeto o deslocamento do corpo inteiro no modo retilíneo)¹⁸. Quanto ao *zoom*, não é apropriado chamá-lo de movimento — pelo menos não movimento de câmera, mas como movimento de lente — pois é apenas uma variação da distância focal.



Figura 13 — Alguns ângulos
Fonte: Reprodução A2 Media Blog (2012)

¹⁸ Lendo as Imagens do Cinema (2012).

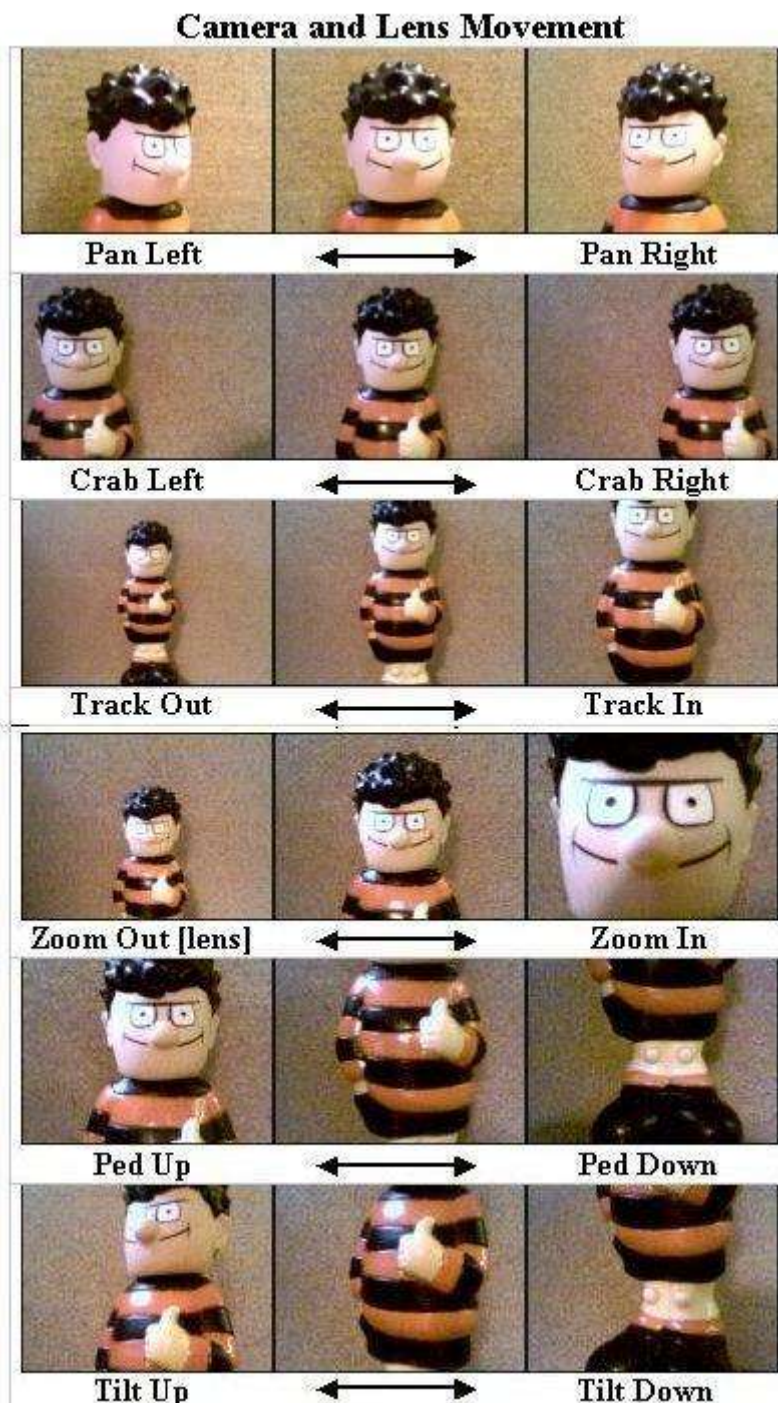


Figura 14 — Alguns movimentos de câmera e lente
 Fonte: Reprodução A2 Media Blog (2012)

Em 1917 os russos começaram a dar uma outra característica ao cinema, estudando filmes e construindo o pensamento teórico da montagem soviética. Eisenstein desenvolveu uma nova ciência baseado no marxismo dialético para fazer seus filmes. Ele, junto com seu colega Lev Kuleshov, foram uns dos primeiros teóricos a argumentar que montagem era a essência do cinema, e, quando usado efetivamente, poderia nos possibilitar a ver e

compreender uma realidade mais profunda. Usando uma forma única de montagem — como as tomadas individuais eram emendadas — ele demonstrou que a justaposição de imagens poderia criar significados, ao invés de só uni-las em uma sequência cronológica simples. Ao posicionar uma imagem (a tese, na terminologia Marxista) em seguida de uma imagem bem diferente ou oposta (a antítese), um novo conceito (a síntese) é criado.

Lev Kuleshov, colega de Eisenstein, desenvolveu diversos experimentos sobre montagem e uma de suas mais famosas teorias foi batizada de Efeito Kuleshov. O experimento consistia em tomadas de um ator intercalado com tomadas de uma tigela de sopa, uma mulher e uma criança falecida; as tomadas eram intercaladas para criar a ilusão de que o ator estava olhando para esses objetos. Quando o filme foi mostrado a audiência acreditava que as expressões faciais do ator mudavam durante a sequência, dependendo do que o ator estava olhando. Porém a expressão do ator não era diferente, era apenas a mesma tomada repetida. Esse experimento deu suporte a ideia de que tomadas isoladas não teriam significados sozinhas, seu significado era criado pela justaposição com outras tomadas.

Hitchcock defendia e utilizava muito o Efeito Kuleshov em seus filmes. No documentário “A Talk With Hitchcock”, o diretor explica como o uso da montagem pode dar uma nova personalidade para um personagem e um novo tom para a sequência.

“Vamos assumir que ele viu uma mulher, segurando um bebê em seus braços. Agora cortamos para a reação dele sobre o que ele vê. E ele sorri. Agora o que ele é como personagem? Ele é um homem gentil, ele é simpático. Agora, vamos tirar a parte do meio do filme, a mulher com a criança, mas deixar as outras duas partes dele do filme como estão. Agora colocamos um pedaço de filme de uma garota usando um biquíni. Ele olha, garota de biquíni, ele sorri. O que ele é agora? Um velho safado. Ele não é mais o cavalheiro benigno, que ama bebês. Essa é a diferença, isso é o que filmes podem fazer por você.¹⁹

¹⁹ Tradução do original: “Let’s assume he saw a woman, holding a baby in her arms. Now we cut back to his reaction to what he sees. And he smiles. Now what is he as a character? He’s a kindly man, he’s sympathetic. Now, let’s take the middle piece of film away, the woman with the child, but leave his other pieces of two films as they were. Now we put in a piece of film of a girl in a bikini. He looks, girl in a bikini, he smiles. What is he now? A dirty old man. He’s no longer the benign gentleman, who loves babies. That’s the difference, that’s what film can do for you.” (HITCHCOCK, 1964)



Figura 15 — Efeito Kuleshov
Fonte: “Telescope” A Talk With Hitchcock (1964)

Além de ângulos e movimentos de câmeras, enquadramentos e montagem, o cinema também se comunica através de iluminação, cores, cenografia, trilha sonora — linguagens mais subjetivas mas que também são possíveis de se reconhecer seus objetivos — e a combinação de todos esses elementos passa uma mensagem por si só. Essas ferramentas serão melhores discutidas de acordo com sua relevância nas análises.

2.2.1 DOCUMENTÁRIOS

De acordo com Nichols (2012), documentários são representações do mundo em que vivemos, e não reproduções da realidade. Ele representa uma determinada visão do mundo, e por ser uma *visão* eles representam pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições.

Não existe um conjunto fixo de técnicas que definam um documentário, pois eles não apresentam apenas um conjunto de formas ou estilos e não tratam apenas de um conjunto de questões. Segundo Nichols (2012), “documentário é o que poderíamos chamar de ‘conceito vago’”:

Nem todos os filmes classificados como documentários se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados “veículos”. (NICHOLS, 2012. Pág 48.)

Existem, porém, algumas definições de um documentário que, apesar de ainda vago, o torna mais distinguível de outros tipos de filme. Por exemplo, a lógica de um documentário sustenta um argumento, uma afirmação ou uma alegação fundamental sobre o mundo e ele se apoia muito menos numa montagem contínua do que um filme de ficção faria, isso por que sua narrativa é organizada em torno de uma lógica ou argumento para lhe dar direção, e não envolta de um personagem. Nichols diz que podemos chamar esse tipo de montagem de “montagem de evidência”:

Em vez de organizar os cortes para dar a sensação de tempo e espaço únicos, unificados, em que seguimos as ações dos personagens principais, a montagem de evidência organiza-os dentro da cena de modo que se dê a impressão de um argumento único, convincente, sustentado por uma lógica. (NICHOLS, 2012. Pág 58.)

Em seu livro “Introdução ao Documentário”, Nichols identifica seis modos principais de se produzir documentários, sendo eles: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático.

Modo	Característica
Poético	Enfatiza associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal. Esse modo é muito próximo do cinema experimental, pessoal ou de vanguarda.
Expositivo	Enfatiza o comentário verbal e uma lógica argumentativa. Esse é o modo que a maioria das pessoas identifica com o documentário em geral.
Observativo	Enfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta, conforme são observadas por uma câmera discreta.
Participativo	Enfatiza a interação de cineasta e tema. A filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais direto.
Reflexivo	Chama atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme.
Performático	Enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio

	<p>engajamento do cineasta com seu tema e a receptividade do público a esse engajamento. Rejeita ideias de objetividade em favor de evocações e afetos.</p> <p>Todos os filmes desse modo compartilham características com filmes experimentais, pessoais e de vanguarda, mas com uma ênfase vigorosa no impacto emocional e social sobre o público.</p>
--	--

Tabela 1 — Tipos de documentários

Fonte: Páginas 62 e 63 do livro “Introdução ao Documentário”, Nichols (2012)

Sendo assim, documentários são abordagens criativas da realidade, não uma transcrição fiel dela, onde se reúnem provas e se constroem perspectivas e argumentos sobre o mundo.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

As análises serão baseadas no capítulo oito do livro "Introdução ao documentário" de Bill Nichols (2012), onde ele descreve sobre como escrever bem sobre um documentário.

Nichols diz que o primeiro passo, obviamente, é assistir ao vídeo; e depois assistir mais de uma vez. Quando assistimos o vídeo pela primeira vez, nos fazemos perguntas sobre o que estamos vendo, e essas perguntas podem ser guiadas por uma ideia já específica que tenhamos para a análise ou podem ser apenas introdutórias, mas ambas importantes. Por isso é importante então tomar notas, pois rever essas notas ajudarão a fornecer matéria prima para sustentar a análise do vídeo:

Elas podem acompanhar a cronologia das cenas (o que vem em primeiro lugar, em segundo, e assim por diante), os tipos de planos feitos pela câmera (com grande angular, com teleobjetiva, usando *travellings*, *zooms*, composição no quadro etc.), as técnicas de montagem (montagem em continuidade, uso de planos de ponto de vista, sobreposições incomuns ou saltos no tempo e no espaço), o discurso (diálogo, comentário) ou as palavras escritas na tela (títulos, legendas, intertítulos), a técnica retórica (como o filme se faz verossímil, convincente e comovente, ou não), o modo (como o filme se baseia em um modo de representação do documentário para se organizar, que outros modos aparecem) E outras características distintivas, como a frequência admissível do cineasta na cena e a perspectiva política, se houver uma, que o filme transmite. (NICHOLS, 2012)

Os vídeos foram escolhidos de acordo com o país em que foram feitos. Buscando abranger melhor o assunto do assédio em espaço público através de vídeos feitos em realidades diferentes uma da outra, foram escolhidos três vídeos: um brasileiro (Efeito Dominó, 2015), um americano (Walking Home, 2009) e um iemenita (Conscience Shadow, 2013).

Identificando então uma perspectiva distinta e examinando algumas de suas implicações ou consequências no vídeo, as análises de cada vídeo são feitas de acordo com as características deles que chamam mais atenção, já que cada um tem seu próprio ponto forte. O Efeito Dominó, por exemplo, tem sua análise focada em suas características técnicas, já o *Walking Home* é focado em sua mensagem e o *Conscience Shadow* é focado nos depoimentos.

4 EFEITO DOMINÓ - O ASSÉDIO

Efeito Dominó é um projeto da jornalista Thais Maranhão, iniciado em 2013 e lançado em 2015, que consiste em duas séries de vídeos que reúne diversos depoimentos e discutem sobre assédio contra mulheres. Uma das séries se chama “O Assédio” e reúne testemunhos e opiniões, de homens e mulheres, sobre o assunto. Outra série do projeto se chama “Crônica Nada Cômica” e consiste em mulheres relatando seus casos de assédio de forma mais extensa.

Em 2015, através da página do projeto no Facebook, Thais lançou um vídeo especial por semana para cada “personagem”, levando ao lançamento do vídeo final que reúne todos eles. Ela contou com ajuda de amigos para deporem e também para conseguir um estúdio. Thais disse em entrevista ao R7:

Não houve nenhum tipo de patrocínio nem apoio, foi tudo na base da amizade e com o menor custo possível. Tanto que, em termos de qualidade de vídeo não ficou o ideal, mas foquei na mensagem. (Nathalia Ilovatte em Mulheres desabafam sobre assédio sexual em documentário brasileiro, 2015)

O objetivo do projeto é conscientizar as pessoas a ensinar as futuras gerações a tratarem as mulheres bem, sendo o slogan do projeto “Qual é o seu legado?”. Na página do projeto no facebook, Thais afirma que “não podemos mudar o passado, mas podemos melhorar o futuro”:

A ideia é o autoconhecimento, é que comece de nós e parta para o outro. É que possamos ensinar diferente para termos uma sociedade diferente. É dar exemplo ao invés de criticar, afinal, as coisas são como são por serem um espelho infinito de comportamento. (Thais Maranhão em Efeito Dominó, 2013)

4.1 PANORAMA

Em 2013, ano em que foi começado o projeto Efeito Dominó, o Brasil estava em uma grande discussão sobre assédio e, espaço público. A ONG Think Olga lançou naquele ano uma campanha chamada Chega de Fiu-Fiu, que começou com ilustrações divulgadas na internet e se tornou um movimento na

internet, ganhando muito destaque na mídia nacional e internacional.

Thais Maranhão, como cineasta, quis contribuir para o movimento com o que sabia fazer de melhor, e criou o seu próprio projeto audiovisual:

Eu sempre me senti incomodada com o machismo antes mesmo de saber o nome do meu incômodo. Quando comecei a entender o que era, da onde vinha, que tinha nome e que as mulheres em minha volta também se incomodavam, tomei essa atitude. (Nathalia Ilovatte em *Mulheres desabafam sobre assédio sexual* em documentário brasileiro, 2015)

4.2 DADOS DE PRODUÇÃO

Diretor	Thais Maranhão
Editor	Thais Maranhão
Pós produção	Thais Maranhão
Produção	Josmar Bueno Junior Thais Maranhão
Fotografia	Renato Madsen Josmar Bueno Junior
Plataforma	Digital
Lançamento	20 de Janeiro de 2015
Softwares de Edição	Final Cut Pro, After Effects, DaVinci Resolve
Trilha sonora	Not A Lady
Identidade visual	Alisson Ribeiro
Depoimentos	Ana Kleiner Elisa Maria Melo Jeniffer Souza Luana Di Turi Nanda Schenferd Nathalia Pompeu Patrícia Cardoso Rita Pizza Shamil Carlos Thiago Ferreira

Duração	13m52s
----------------	--------

Tabela 2 — Dados de produção do vídeo “Efeito Dominó — O Assédio”
Fonte: Efeito Dominó (2015); Thais Maranhão em Vimeo (2015)

4.3 ANÁLISE

O vídeo “O assédio” nos traz uma discussão sobre o assédio em espaço público, onde homens e mulheres contam suas histórias e opiniões. As mulheres contam alguns casos de assédio que sofreram e como eles as fizeram se sentir, enquanto os homens contam como a criação que eles tiveram quando criança reforçava hábitos que fundamentariam o assédio. De acordo com um dos depoentes, o assédio é cultural:

Quando você é pequeno, não só os seus primos ou os seus tios, todos os homens mais velhos, eles criam uma certa influência para você tratar uma mulher desse jeito. (Depoente em Efeito Dominó, 2015)

Culpar a criação, a cultura, se tornou muito comum para justificar os atos dos assediadores, porém, se os homens do vídeo nos dizem que eles foram criados para assediar, mas sabem que é errado e não os fazem, criação não pode ser justificativa. Se o homem tem a capacidade de entender o que é certo e errado, sua criação não deveria ser uma barreira tão grande a se enfrentar. E, ao invés disso, é uma barreira onde eles se escondem atrás.

Além dos dois homens que depõem, o vídeo contém depoimentos de mais oito mulheres. Apesar de todos os depoimentos terem o assunto *assédio* em comum, há uma dificuldade, por conta da montagem, de conectar um depoimento com o outro. Em algumas partes o documentário parece fluir, já em outros os tópicos mudam rapidamente, assim como a energia dos depoentes. Não houve um estabelecimento muito homogêneo do “clima” do documentário, pois alguns depoentes falam de maneira mais despojada e cômica, enquanto outros tomam um aspecto mais sério e dramático.

O vídeo utiliza muitos planos diferentes — talvez numa tentativa de deixar o documentário mais dinâmico — tendo como base um primeiro plano, e variando então desde um primeiríssimo primeiro plano até um plano geral. Quando há mudança de planos o vídeo nos permite ver o que está além do

cenário, nos mostrando os equipamentos que estão sendo utilizados e os adereços (Figura 16). Não é possível identificar nenhum padrão nessas mudanças de planos, pois até há momentos em que a própria diretora do documentário aparece no vídeo quando o plano muda para um plano geral e há um momento em que a diretora participa do vídeo fazendo uma pergunta para uma das depoentes, mas nenhuma das duas situações se condizem. Porém, mostrar esse “por trás das cenas” nos dá a impressão de estarmos lá e participando da gravação desse documentário também.



Figura 16 — Variação dos planos
Fonte: Frames do vídeo “Efeito Dominó — O Assédio” (2015)

Outra escolha técnica que foi possível observar no vídeo é o movimento da câmera circular. No começo do vídeo só era possível reparar esse movimento quando aparecia um dos homens depoentes, o que me fez imaginar que talvez tivesse alguma coisa a ver com ele. Porém, no decorrer do vídeo, esse movimento começa a acontecer no depoimentos das mulheres também, e ele começa a ficar mais ousado. Enquanto antes a câmera fazia movimentos circulares mas não deixava de enquadrar o depoente por “inteiro” (cabeça e ombros), ao longo do vídeo o movimento faz com que partes das pessoas sejam totalmente deixadas para fora do enquadramento, em conjunto com uma mudança de plano que vai direto para um primeiríssimo primeiro plano, muitas vezes mostrando o rosto da pessoa apenas do nariz para cima, ou mostrando apenas um nariz e um olho. Poderia até se argumentar que talvez o movimento

de câmera ficando cada vez mais atrevido seria uma tentativa de mostrar uma progressão no vídeo, como se ele fosse chegar num ápice, porém esses movimentos são muito esparsos e só acontecem em alguns depoentes, que aparentemente não têm nada de comum entre si, e o ápice do vídeo é quando ele acaba.



Figura 17 — Movimento da câmera
Fonte: Frames do vídeo “Efeito dominó — O Assédio” (2015)

O vídeo conta com uma presença marcante da cor laranja. Durante todo o documentário o laranja está sempre presente, no fundo do cenário, nas cores das letras e na logo do projeto. Como o objetivo do projeto visa iniciar uma discussão sobre assédio e incentivar as pessoas a criar um mundo melhor, é coerente que a cor laranja tenha sido escolhida para o projeto, pois de acordo com Eva Heller em seu livro “A Psicologia das Cores” (2012), “o laranja não é apenas a cor entre a perfeição e a felicidade, tem o seu significado próprio, fundamental: laranja é a cor da transformação”:

O laranja é a cor complementar do azul. Azul é a cor do espiritual, da reflexão e do silêncio, o seu pólo oposto, o laranja, representa as qualidades opostas a essas. (HELLER, 2012)

Além do laranja ser a cor da transformação e da “quebra do silêncio”, ele também tem significados como incentivar conversas e oferecer força emocional em momentos difíceis, todos significados que se encaixam no conceito deste documentário.

Fonte	Significado do Laranja
Portal do Marketing	A cor laranja se refere à comunicação social, incentivando as conversas sobremaneira. Uma cor quente e convidativa, é tanto fisicamente e mentalmente estimulante.
Portal do Marketing	O laranja oferece força emocional em momentos difíceis. Ajuda-nos a recuperar de decepções e desespero, auxiliando na recuperação da dor.
Significados	Algumas vibrações negativas da cor laranja são o nervosismo, ansiedade e descontentamento, motivo pelo qual não deve ser usada por pessoas estressadas ou que se irritam com facilidade.

Tabela 3 — Laranja

Fonte: Site Portal do Marketing (2014); site Significados (2013)

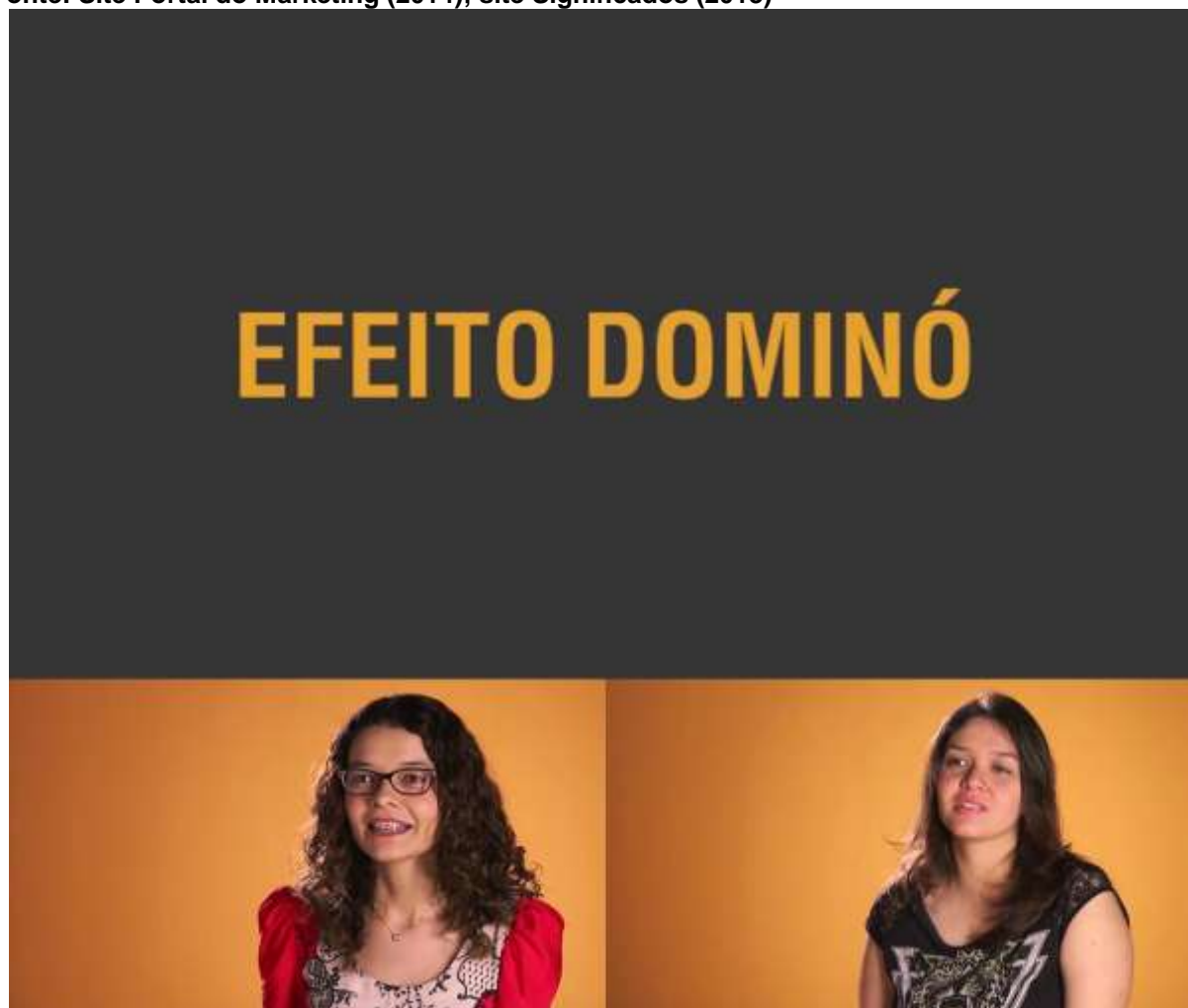


Figura 18 — O alaranjado

Fonte: Frames do vídeo “Efeito Dominó — O Assédio” (2015)

Algumas vezes, quando uma depoente inicia uma história, aparece uma tela citando as palavras iniciais da história, quase como uma capitulação, fazendo o espectador prestar mais atenção no que vai acontecer em seguida. Nessas capitulações também é possível notar o uso do laranja, reforçando a identidade visual do projeto.



Figura 19 — Citações

Fonte: Frames do vídeo “Efeito Dominó — O assédio” (2015)

O vídeo acaba com a conclusão de uma das depoentes que reforça o objetivo do vídeo. Em sua declaração final, essa depoente afirma:

Mas principalmente a educação mudar. Os homens tratem e cuidarem melhor das suas filhas e dos seus filhos. Eu acho que se começar a tratar como igual, no futuro a gente vai ver isso diminuir. Por que a gente não aprende isso em qualquer lugar, né? (Efeito Dominó, 2015)

Apesar da variedade dos depoimentos do vídeo, eles acabam sempre se fechando na mesma questão da educação, sendo essa a essência do projeto. A mulher que finaliza o vídeo é a mesma que inicia ele, dando uma sensação de fechamento, e em ambos os casos ela tem o papel de deixar o clima do vídeo mais dramático, sendo a declaração final, além de tudo, uma provocação ao espectador.

5 WALKING HOME

Walking Home, gravado em Brooklyn e Philadelphia em 2009, é um vídeo experimental sobre mulheres lidando com assédio nas ruas. Ele mistura filme 16mm, vídeo, música e poesia, e ganhou o prêmio Speaking Out Award em 2011. Ele foi idealizado e dirigido pela educadora e cineasta Nuala Cabral, que também atua no vídeo e é autora do poema que acompanha o filme:

Walking Home tenta questionar e romper a conformação e o silêncio penetrante em volta dessas interações diárias.²⁰ (Hkearl em Power in storytelling: interview with filmmaker Nuala Cabral, 2011)

O vídeo é direcionado não só para as vítimas mas também para todas as pessoas que fazem parte dessas interações: para os assediadores e também para quem observa o assédio acontecer. Sobre seu público alvo, a diretora diz:

Começar com certas comunidades em mente ajuda, mas eu sabia que eu queria expandir minha audiência para além daqueles que já reconhecem o assédio em espaço público como um problema. Encarar o assédio em espaço público pode fazer você se sentir alienada e solitária — mesmo quando há pessoas em volta, e especialmente quando essas pessoas não dizem nada. Eu espero que o filme fale com essa seção de pessoas, por que claramente cada um de nós tem um papel específico quando o assunto é acabar com o assédio em espaço público.²¹ (Marisa Wong em Witness, 2011)

5.1 PANORAMA

Em uma entrevista para a *Hollaback!*²², Nuala diz que sempre viu o ato de navegar nas ruas como uma arte, pois você pode responder ao assédio de uma maneira em um lugar, mas responder ao assédio da mesma maneira em outro lugar pode te colocar em problema, pois cada cidade e comunidade é

²⁰ Traduzido do original: “Walking Home attempts to question and disrupt the acceptance and the pervasive silence around these everyday interactions.”

²¹ Traduzido do original: “Starting with certain communities in mind is helpful, but I knew I wanted to expand my audience beyond those who already recognize street harassment as a problem. Encountering street harassment can feel alienating and lonely — even when bystanders are around and especially when bystanders say nothing. I hope the film speaks to this cross section of people because clearly we each have a role to play when it comes to ending street harassment.”

²² Um movimento global contra o assédio.

diferente. Quando Nuala gravou o vídeo *Walking Home* ela estava morando em Brooklyn, e, mesmo vivendo perto do metrô, ela se sentia isolada. Morando em uma região não muito residencial, ela não queria sair a noite, não queria ter que enfrentar a caminhada até o metrô e não podia pagar por um táxi.

Como cineasta Nuala gosta de explorar assuntos de maneira a entendê-los melhor, desvendá-los, questioná-los e resistir; e *Walking Home* foi uma oportunidade dela fazer isso com assédio em espaço público. Em entrevista à organização *Stop Street Harassment*, Nuala afirma:

Assédio em espaço público é um problema pessoal, político e universal, que é frequentemente relevado e tolerado. Isso é problemático e eu queria fazer algo sobre isso. Eu sou uma cineasta — então eu fiz um filme. Eu gosto de usar vídeo e filme para explorar minhas frustrações e questões sobre o mundo. Há poder em narrativa. Filme é uma forma de narrativa e ele oferece a oportunidade de criar um entendimento entre diferenças, entre pessoas que poderiam nunca ter se comunicado diretamente. O benefício de usar filme é que, quando é bem feito, ele faz as pessoas sentirem. E quando a questão é assédio em espaço público, fazer as pessoas sentirem é um bom começo para ajudá-los a se importarem em fazer a diferença.²³ (Hkearl em *Power in storytelling: interview with filmmaker Nuala Cabral*, 2011)

Como educadora, Nuala usa seu filme para abordar estudantes em escolas e trabalhar com eles o assunto; até mesmo criou guia de discussão (Anexo B) baseado no seu filme *Walking Home* (disponibilizado pelo site *Meet Us On The Street*) que fica disponível para quem quiser trabalhar esse assunto com alunos. Nuala exibiu seu filme em diversas salas de aula, pois acredita que o diálogo é um aspecto fundamental para esse trabalho já que ele amplia a compaixão e a compreensão, e engajar a comunidade jovem nessa discussão é importante. Como ela mesma diz em entrevista ao site *Bitch Media*:

Quando um espaço seguro é criado, garotas vão se manifestar e conversar sobre o assunto, assim como garotos. Umas duas semanas atrás eu exibi o filme para cinco salas de aula da 9ª série e facilitei o diálogo e a escrita livre sobre assédio em espaço público. Isso não é algo que eles tenham conversado sobre antes em sala de aula, mas é uma experiência real em suas vidas e eles tinham muito a dizer. Eu

²³ Traduzido do original: “Street harassment is a personal, political and universal issue that is often dismissed and tolerated. This is problematic and I wanted to do something about it. I’m a filmmaker— so I made a film. I like to use video and film to explore my frustrations and questions about the world.” e “There is power in storytelling. Film is a form of storytelling and it offers an opportunity to build understanding across differences, among people who may never communicate directly. The benefit in using film is that when it’s done well, it makes people feel. And when it comes to street harassment, making people feel is a good start to helping them care about making a difference.”

deixei a escola sabendo que uma pequena faísca tinha sido acesa. Eu amaria fazer mais disso.²⁴ (Mandy Van Deven em *Takin*, 2011)

O vídeo foca principalmente em mulheres não brancas, que, segundo uma pesquisa da organização *Stop Street Harassment* sobre assédio em espaço público nos Estados Unidos, sofrem mais assédios que as pessoas brancas.

Types of Street Harassment Reported By Race

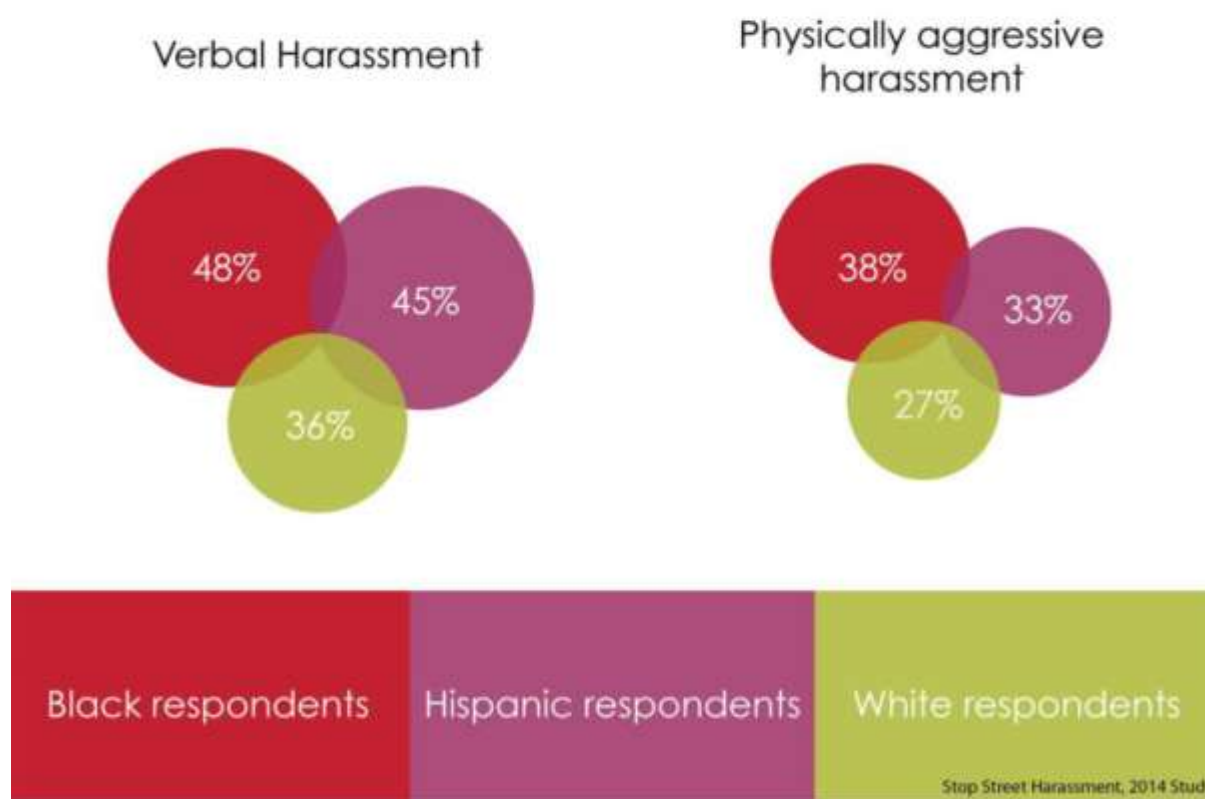


Figura 20 — Gráfico “Tipos de Assédio em Espaço Público Reportados Por Raça”
Fonte: Stop Street Harassment (2014)

²⁴ Traduzido do original: “When a safe space is created, girls will come forward and talk about this issue and so will boys. A couple of weeks ago I screened the film for five ninth grade classrooms and facilitated a dialogue and free write about street harassment. This is not something they had talked about before in the classroom, but it is a real experience in their lives and they had so much to say. I left that school knowing that there was a small spark lit. I would love to do more of that.”

5.2 DADOS DE PRODUÇÃO

Roteiro	Nuala Cabral
Edição	Nuala Cabral
Direção	Nuala Cabral
Operador de câmera	Nuala Cabral Jennifer Fasulo Vanara Taing
Voz	Nuala Cabral Tarik Asmerom Lucy Coutinho Jazmine Dukes Aghigh Ebrahimi Kendell Mattos Malaika Robinson
Música	April King
Lançamento	17 de Setembro de 2009
Duração	04m00s

Tabela 4 — Dados de produção do vídeo “Walking Home”
Fonte: Créditos do vídeo “Walking Home” (2009)

5.3 ANÁLISE

“This is for the walkers, talkers
and those who say nothing.”

Walking Home é um vídeo que busca conscientizar as pessoas sobre o assédio em espaço público e representar as vítimas. O vídeo utiliza poema, cores e movimentos de câmera para passar mensagens. Sobre a escolha de usar um poema em seu vídeo, Nuala disse:

Eu acho que poesia pode ser uma ferramenta efetiva para atingir audiências que podem não ter uma afinidade com documentário ou noticiário.²⁵ (Marisa Wong em *Witness*, 2011)

²⁵ Traduzido do original: “I think poetry can be an effective tool to reach audiences that may not tune into a documentary or newscast.”

O vídeo tem duas mulheres principais, que aparecem já no início dele, junto com a voz feminina que declama um poema. Elas são mostradas saindo de casa e andando pelas ruas, o vídeo em tons monocromáticos.



Figura 21 — Você me vê, uma mulher na rua, pernas morenas e sedosas, seios pequenos
Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)



Figura 22 — Cabelo longo e cacheado, em um vestido de verão, jeans, moletom
Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

Na cena da segunda mulher ela passa na frente de uma vitrine de revistas. Olhando mais atentamente é possível perceber que as mulheres das capas das revistas estão todas seminuas ou em posições sexualizadas. Essa cena tem uma relação especial com a diretora do filme. Em seu blog Nuala apresenta uma foto de uma vitrine de revistas que encontrou em Nova York e aponta a diferença de representação entre as mulheres brancas e as mulheres negras, e ainda afirma:

Assédio em espaço público frequentemente fez eu me sentir como se eu estivesse em exibição... humanidade despida, objetificada. Eu lembro de me sentir desse jeito e então passar por bancas de jornais não muito diferentes dessa. Incluir uma cena de uma vitrine de revistas em *Walking Home*, meu filme sobre assédio em espaço público, foi um esforço para fazer essa conexão visível. (Nuala Cabral em *The NYC Newsstand: Black Women's Bodies For Sale*, 2011)



Figura 23 — Banca de jornais

Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009); NYC Newsstand por Nuala Cabral (2011)

A voz que declama o poema muda várias vezes durante o vídeo, porém assumem um padrão de mudança quando o vídeo chega nas cenas onde há várias tomadas de pés diferentes caminhando, onde cada vez que muda a voz, muda o par de pés caminhando. A diretora contou com sua própria voz e as vozes de amigos e familiares para narrar o vídeo, contribuindo para seu objetivo de fazer um vídeo diverso:

Eu queria retratar uma variedade de pessoas, por que o assédio em espaço público é universal, assim como todas as formas de violência.²⁶ (Hkearl em Power in storytelling: interview with filmmaker Nuala Cabral, 2011)

Essa idéia de representar uma variedade de pessoas se reforça, então, pelo uso de diferentes vozes e também pela cena dos pés. Nessa cena, cada voz nova que entra — com cada par de pés novos caminhando — declama, ainda dentro do poema, seu nome e significado. A variedade de nomes, e os diferentes significados e origens deles, enfatiza a diversidade que o vídeo quer retratar:

Incluir vozes de diversas mulheres explicando seus nomes dá um significado de universalidade e solidariedade.²⁷ (Hkearl em Power in storytelling: interview with filmmaker Nuala Cabral, 2011)

²⁶ Traduzido do original: “I wanted to portray a diverse range of people, because street harassment is universal, just like all forms of violence.”

²⁷ Traduzido do original: “Including voices of several women explaining their names, signifies universality and solidarity”



Figura 24 — Pés caminhando
 Fonte: Frames do vídeo "Walking Home" (2009)

Essa cena dos nomes dá um caráter bastante emotivo para o vídeo, pois, além de tudo, a ideia é que essas pessoas que os homens assediam nas

ruas são alguém. Alguém com uma vida, com uma história, que tem um nome; e não só uma mulher que ele chamou de “nomes” na rua. O enquadramento e ângulo da câmera nos coloca no lugar dessas mulheres que estão caminhando, nos incluindo no vídeo.

Em algumas cenas o vídeo interpreta o poema de forma literal. Quando o poema diz “você pega no meu braço” e “você vira e encara”, somos apresentados com cena da mulher sendo pega pelo braço por um homem, e encarada por outro.



Figura 25 — Você pega no meu braço
 Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

Porém, antes mesmo de nos mostrar o assediador que a encara, o movimento de câmera já nos dá informação o suficiente para interpretarmos que estamos olhando a mulher através de um “olhar masculino”. A câmera faz um movimento vertical, que inicia nos pés da mulher e caminha pelo seu corpo até enquadrar seu rosto.



Figura 26 — Você não lembra de mim, você nem me conhece
 Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

Quando a câmera chega em seu rosto é possível observar quão desconfortável a mulher está pela sua expressão. Ela olha com o canto do olho para alguém que não aparece na cena e rapidamente desvia seus olhos. As mulheres têm muitas estratégias para tentar andar em público sem serem incomodadas, e evitar fazer contato visual com homens é uma das tentativas de não dar espaço para eles as abordarem. Segundo uma pesquisa sobre assédio em espaço público feita nos Estados Unidos pela organização *Stop Street*

Harassment em 2014, evitar contato visual é a terceira estratégia mais adotada pelos assediados para evitar o assédio.



Figura 27 — Mas eu te conheço, e eu sei o que acontece agora
Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

O movimento de câmera objetificador persegue essa mulher durante o vídeo. Na segunda vez que acontece, a câmera faz o movimento inverso, focando primeiro no rosto da mulher e depois descendo pelo seu corpo. Porém, dessa vez, podemos identificar o assediador, pelo corte que o vídeo faz para a face de um homem.



Figura 28— Você vira e encara
Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)



Figura 29 — Assediador
Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

Quando vemos a segunda mulher do início do vídeo novamente, ela está dentro de casa. O vídeo agora não é mais preto e branco, e sim colorido. Somos apresentados então com sua rotina, a vemos lendo suas cartas e tomando seu remédio, vemos algumas decorações de sua casa como seus porta retratos e um mobile. Quando ela se prepara para sair de casa e coloca o lixo pra fora o vídeo começa a se esmaecer em saturação, até perder totalmente a cor quando ela caminha na rua, mudando o clima da cena.

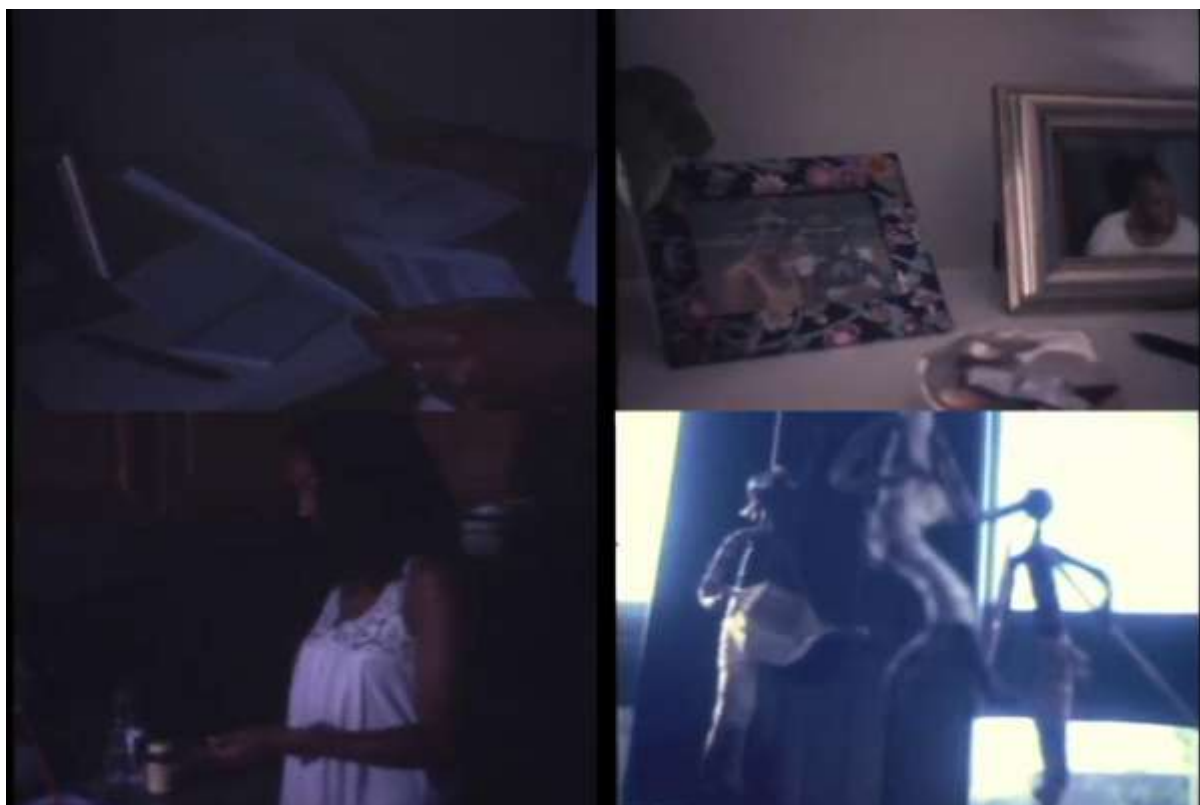


Figura 30 — Detalhes
Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

A mesma coisa acontece então com a outra mulher. Quando a vemos dentro de casa, regando suas plantas, assistindo televisão e fechando sua janela as cenas estão todas coloridas, não mais em preto e branco. Porém, assim que o vídeo corta para ela na rua, as cenas se tornam preto e branco novamente, assim como acontece com a outra mulher.



Figura 31 — Rotina
 Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

Assim como mostrar que as mulheres que são assediadas também tem um nome e uma história, mostrar elas dentro de suas casas, confortáveis, é uma maneira de *humanizar* essas mulheres, depois de serem tão *objetificadas* fora dela. Mostrar que elas tem um nome, uma vida, uma história, que não são apenas um objeto para ser desejado pelos assediadores traz uma nova perspectiva para os assediadores, que também são o alvo do vídeo. Sobre a mudança de preto e branco (na rua) para colorido (em casa), a diretora do vídeo afirma que “queria que os momentos de objetificação fossem em preto e branco”²⁸. Talvez ela tenha tido a pretensão de mostrar quão predominante o “preto e branco” é na rotina da mulher, pois o vídeo se passa na maior parte em preto e branco, mostrando o quanto o assédio é frequente no dia da mulher de maneira mais figurativa.

²⁸ Traduzido do original: “The film also plays with color. I wanted the moments of objectification to be in black and white.”



Figura 32 — Diferença nos tons
 Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2011)

Ao final do vídeo, conforme o poema vai tomando um caráter mais empoderado, os pés que antes foram mostrados caminhando em preto e branco começam a tomar cor também, dando uma sensação de transformação.



Figura 33 — Diferença nos tons dos pés
 Fonte: Frames do vídeo “Walking Home” (2009)

A cena final do vídeo consiste nas duas mulheres do início do vídeo se deparando com a palavra "amor" escrita numa parede na rua. O vídeo não mostra a segunda mulher vendo a palavra, mas a montagem que ele faz dá a entender que ela para de andar para olhar a palavra. Porém, ela não gasta muito tempo nisso e continua seu caminho, sem olhar para trás. Nesse momento, não há mais voz recitando o poema, apenas o som ambiente.

Essa cena passa a ideia de solidariedade entre as duas mulheres, pois elas passam pelo mesmo lugar — e pelas mesmas coisas — e o fato de elas passarem pelo mesmo lugar nos diz que elas moram perto uma da outra, mostrando que pessoas perto de nós sofrem as mesmas coisas que a gente. O fato da mulher continuar a andar em silêncio, até o vídeo se tornar apenas uma tela preta, nos passa uma sensação de acomodamento e ao mesmo tempo de esperança; pois, apesar de tudo, ela continua andar, ela segue com sua vida. Essa cena também passa uma ideia de continuidade, como se esse não fosse o final de tudo. como se a mulher estivesse preparada para começar tudo — o vídeo — de novo.



Figura 34 — Continuo a andar
Fonte: Frames do vídeo "Walking Home" (2009)

6 CONSCIENCE SHADOW

Conscience Shadow é um curta, dirigido por Abeer Sallam, que foi um dos vencedores de uma competição de filmes lançado pela Nações Unidas em relação ao Dia dos Direitos Humanos em 10 de dezembro de 2013. O filme destaca as restrições emocionais e sociais de ser uma vítima dos assédios que as mulheres sofrem diariamente, usando depoimentos de assediadores, assediadas e uma ativista (Ghaidaa Al-Absi), e contando com dados e estatísticas. O vídeo foi gravado em Sana'a, capital de Iêmen, e além da relevância do assunto, o filme também ganhou a competição por sua qualidade técnica e originalidade.

6.1 PANORAMA

Em 2009, ativistas de dezessete países da região de Cairo se reuniram numa conferência de dois dias, organizada pela *Yemeni Women Union* para discutir assédio. Nessa conferência foram apresentadas uma série de estudos e, de acordo com *The Associated Press*, 90% das mulheres de Iêmen disseram já terem sido assediadas, mesmo sendo um país onde a maioria das mulheres andam cobertas dos pés à cabeça. Nessa conferência foi concluído que o assédio estava levando as mulheres árabes a se confinarem em casa, e que o assédio não é controlado nesses países pois as leis não punem, as mulheres não denunciam e o governo ignora.

Segundo Ghaidaa Al-Absi, em seu artigo *Who is to blame? Street sexual harassment in Yemen*, não existe nenhuma lei em Iêmen que reconhece especificamente o assédio em espaço público que as mulheres sofrem, existe apenas uma lei que pune "Atos Ofensivos em Público" e criminaliza "qualquer ato que ofenda a moral ou honra pública, exponha áreas privadas ou envolva fala indecente". A punição pelo infringimento desta lei constitui 6 meses de prisão ou pagar uma fiança que não passa de 1000 YR, equivalente a R\$15. A brecha nessa lei é que ela não especifica o que "ofender a moral pública"

significa, dando espaço para a interpretação do judiciário, que muitas vezes prejudica a mulher.

Com o agravamento da guerra em Iêmen, que já dura quase 4 anos, a situação das mulheres, inclusive do assédio que elas sofrem, piorou. De acordo com o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), em 2015, a violência contra as mulheres aumentou em 70% desde o início do conflito. Segundo Weamm Ahmed, em entrevista para a revista iemenita *Al Madaniyamag*, além do tempo livre que o desemprego causado pela guerra tem dado aos homens, a falta de leis e pessoas que as apliquem também contribuíram pro aumento de assédio.

Outro sintoma da guerra que as mulheres têm sido vítimas é o aumento de casamentos infantis. Mesmo já sendo um acontecimento comum em Iêmen, o conflito intensificou o problema. De acordo com uma pesquisa feita pela UNICEF em 2016, mais de dois terços das garotas iemenitas estão casadas antes mesmo de terem dezoito anos, em contraste de metade das garotas que eram casadas antes da guerra.

6.2 DADOS DE PRODUÇÃO

Idealização e Roteiro	Abeer Sallam
Operador de câmera	Younis Al Jamily Abduljabbar Al Suhili
Edição	Fuad Al Mwalad
Iluminação	Abdulnasser Ali
Tradução	Haifa Al Mohsen Fathi Al Dhafri Bassim Saleh
Voz	Zainab Mohemmed
Ilustração	Shahad Dhaiban
Elenco	Saleh Qahwash Sulaiman Al Borai

	Jihad Ahmed Wadah Al Ra'i Ihsan
Diretor de fotografia	Fuad Al Mwalad
Diretor de arte	Abdulrahamn Al Jamaily
Duração	09m42s

**Tabela 5 — Dados de produção do vídeo “Conscience Shadow”
Fonte: Créditos do vídeo “Conscience Shadow” (2013)**

6.3 ANÁLISE

Conscience Shadow é um vídeo que, usando depoimentos de um assediador, uma vítima e uma ativista, discute o assédio em espaço público em Yemen.

“I tried to escape over and over again...
I have hid from this thing that surrounds me
I tried to whet my throat so that I can talk, to scream
I was fed up, and gathered my strength and I thought hard
Do I have to scream, do I have to scream, and I have
screamed
But...
But did not answer me anyone!”

O vídeo começa com uma metáfora. Usando um poema como narrativa, um piano como trilha sonora e cenas de uma rosa branca, o vídeo se inicia. A música dá um clima dramático ao vídeo e a voz feminina que o narra ecoa como se estivesse num lugar vazio e fechado — o que se sustenta pelo poema. No poema, a garota diz que tentou *escapar* várias vezes, que já tentou se esconder, já pensou em falar alguma coisa, em gritar. Quando ela não conseguia mais aguentar a situação, ela reuniu todas suas forças, mas ainda assim se questionou se deveria gritar. E, mesmo quando ela gritou, ninguém a respondeu.

O poema dá a entender que a garota está presa em uma situação de assédio da qual não sabe como sair e teme pedir ajuda, porém, mesmo quando ela consegue pedir ajuda, ninguém vem ao seu socorro. E sem o amparo de ninguém — no poema — a rosa fraqueja — no vídeo. Na Arábia, flores brancas

são geralmente dadas em nascimentos, noivados, casamentos, e para *mulheres jovens*. A rosa branca também pode ter sido usada para representar uma garota nessa cena pode ser devido ao fato de alguns dos significados dela ser a “pureza” e “inocência”, e, quando a rosa não é amparada e sucumbe, é como se ela perdesse sua pureza e inocência, assim como a garota do poema.



Figura 35 — Rosa branca

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

O vídeo realmente começa quando o poema acaba, a rosa murcha e o título do vídeo aparece. *Conscience Shadow* tem um ritmo muito bom, a forma que o curta trabalhou a montagem, estruturando bem os tópicos, nos dá a impressão de que os três depoentes estão conversando entre si, apesar de nunca aparecerem juntos. Por exemplo, quando o assediador comenta que os homens jovens têm muita energia e por isso a gastam assediando as

mulheres²⁹, o vídeo logo corta para a depoente rebatendo esse argumento — discutindo com o assediador apesar de não estarem em uma discussão.

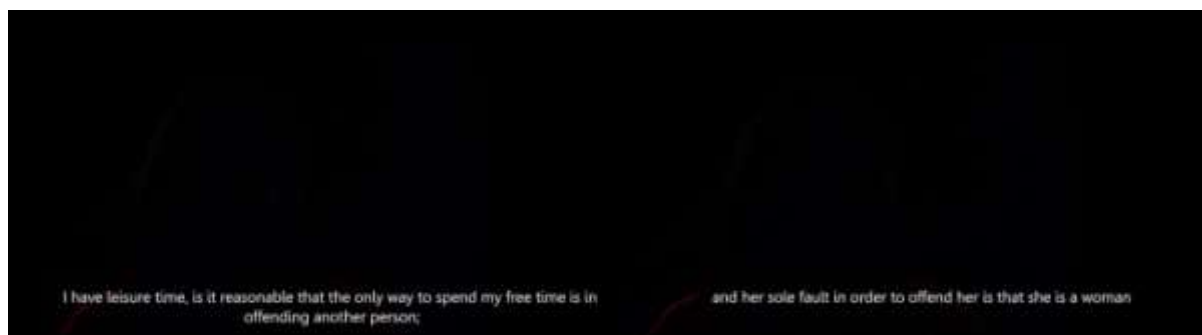


Figura 36 — Tempo livre

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Em Yemen, nem mesmo o véu protege as mulheres do assédio. A maioria das mulheres em Yemen usam o *niqab* — véu que cobre todo o corpo exceto os olhos — e mesmo assim, de acordo com uma pesquisa apresentada em 2009 numa conferência organizada pela *Yemeni Women Union*, a porcentagem de mulheres que já sofreram assédio no país chega a 90%. No vídeo o assediador conta que *prefere* perseguir as mulheres que usam véu, pois “a autoconfiança delas é precária”.



Figura 37 — Veladas

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

O assediador que depõe no vídeo acredita fielmente que está certo em assediar mulheres, sempre dando muitas justificativas, e expressando sua opinião sem nenhum pudor. Porém, no decorrer do vídeo ele se contradiz. Se algumas vezes ele diz que *escolhe* assediar algumas mulheres, e que o assédio é uma forma de *passatempo* para os homens, em outros ele afirma que o assédio é a satisfação de um *instinto fisiológico*.

²⁹ “They secret enormous energy stored inside them... Where should they go to exhaust it?” (Conscience Shadow, 2013)

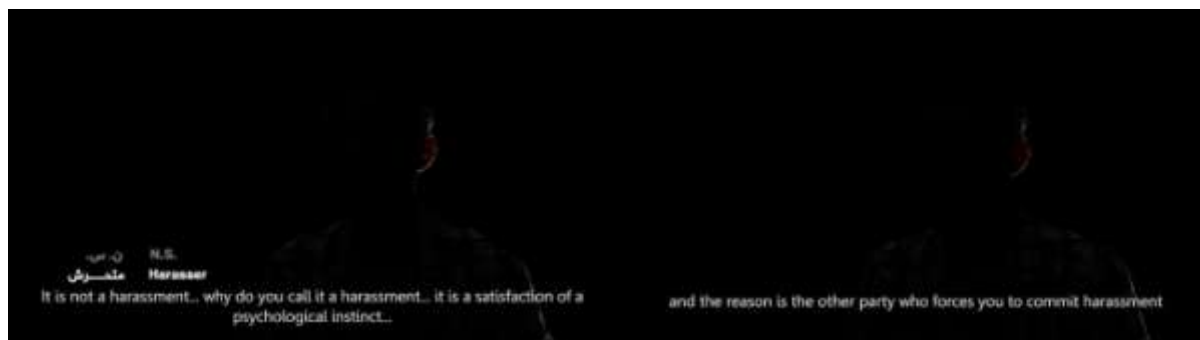


Figura 38 — Instinto fisiológico

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Em um ponto do vídeo o assediador chega até a tratar o assédio com um tom de tradição, contando que mesmo que ele seja casado ele continua praticando o assédio, e então ele diz que o assédio é natural dele — nas próprias palavras dele como uma “doença mental”: “está dentro de mim e eu não consigo pará-lo”.

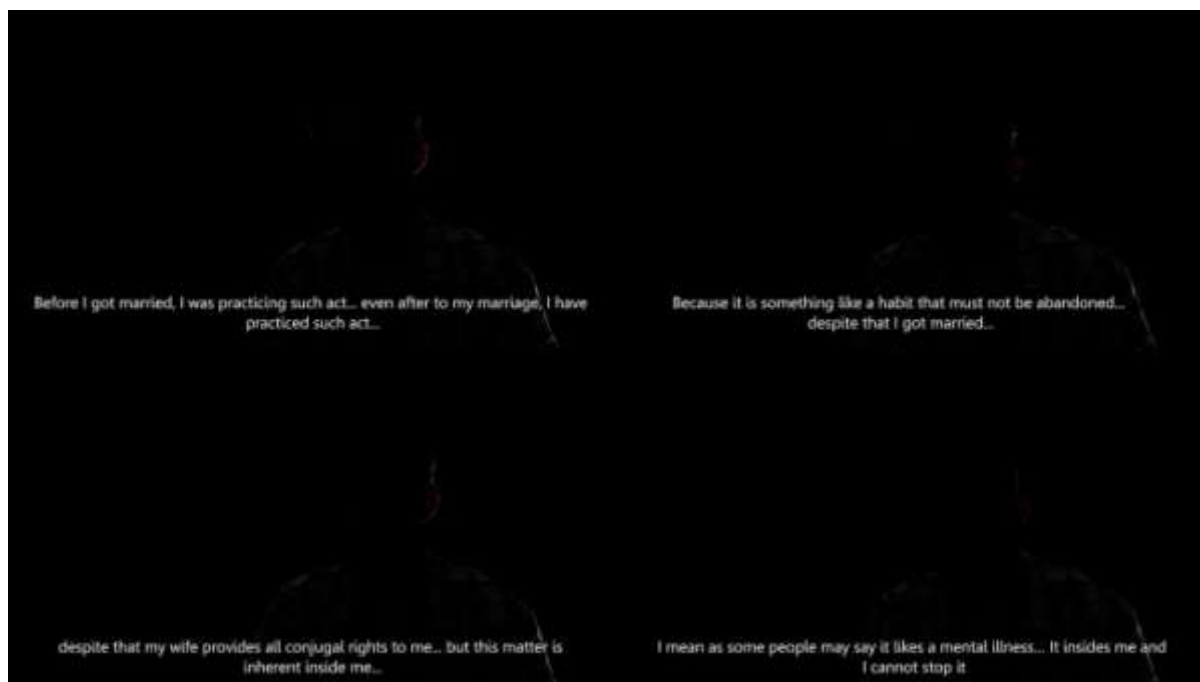


Figura 39 — Doença mental

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Apesar de o próprio assediador ter dito que assediar é como uma doença mental pra ele, quando confrontado sobre a opção de ir em um psiquiatra ele fica ofendido e agitado. Nesse momento, até o enquadramento da câmera que tinha permanecido estático em um primeiro plano abruptamente muda para um primeiríssimo primeiro plano, passando assim a agressividade do homem ao ser questionado.



Figura 40 — A comunidade é doente
 Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

O assediador disse que pratica o assédio para *satisfazer um instinto psicológico*, para *passar o tempo*, e por que o assédio é *inerente* nele; para depois culpar a sociedade pelo seus atos. Além da ativista e da vítima contrariar os argumentos do assediador, ele mesmo se contradiz, chegando até mesmo a dizer que se alguém assediasse uma mulher de sua família ele poderia até matar.



Figura 41 — Eu poderia matar
 Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Além de ter esse formato de apresentar os depoimentos de forma que eles pareçam um debate entre os depoentes, o vídeo reforça essa ideia de conversa entre o assediador e as vítimas pela posição deles no vídeo. Embora o enquadramento permaneça na maior parte do tempo em primeiro plano, não haja movimento de câmera, e não exista nenhuma cena em que dois ou mais depoentes sejam vistos ao mesmo tempo, o posicionamento da ativista e da vítima — à esquerda da tela, olhando em diagonal para a direita — e o posicionamento do assediador — no lado esquerdo da tela, olhando em diagonal para a esquerda — nos passa a ideia de que eles estão em lados diferentes da história, que eles têm *posicionamentos* diferentes.

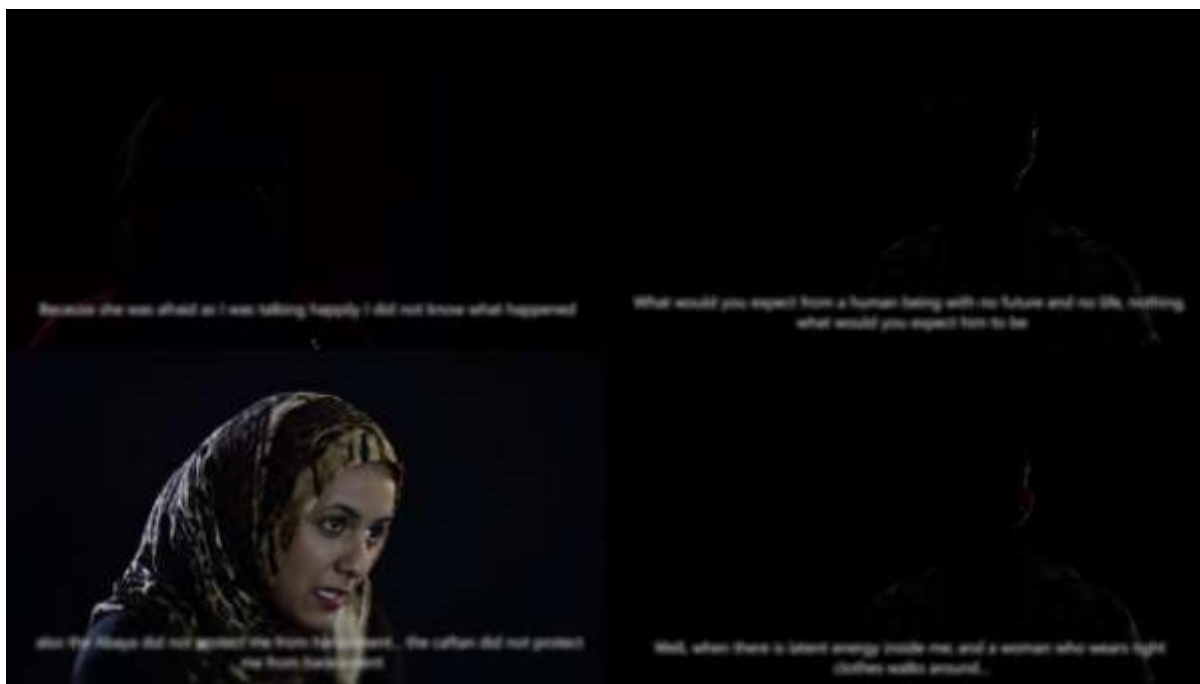


Figura 42 — Lados diferentes

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Nas raras vezes que a câmera muda o enquadramento, é para focar nas mãos da ativista, e uma vez na mão da vítima, em um plano detalhe. Esse tipo de plano aumenta a carga dramática das cenas, e o foco nas mãos demonstra o nervosismo da pessoa que está falando.



Figura 43 — Mãos

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

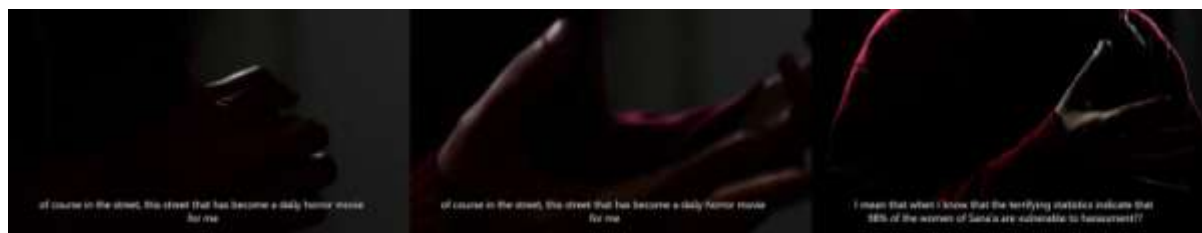


Figura 44 — Mãos da vítima

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Por não haver muito movimento de câmera ou variação de enquadramento, o vídeo utiliza outros recursos para ser mais dinâmico. Muitas das falas dos depoentes são ilustradas com desenhos, que têm características infantis.

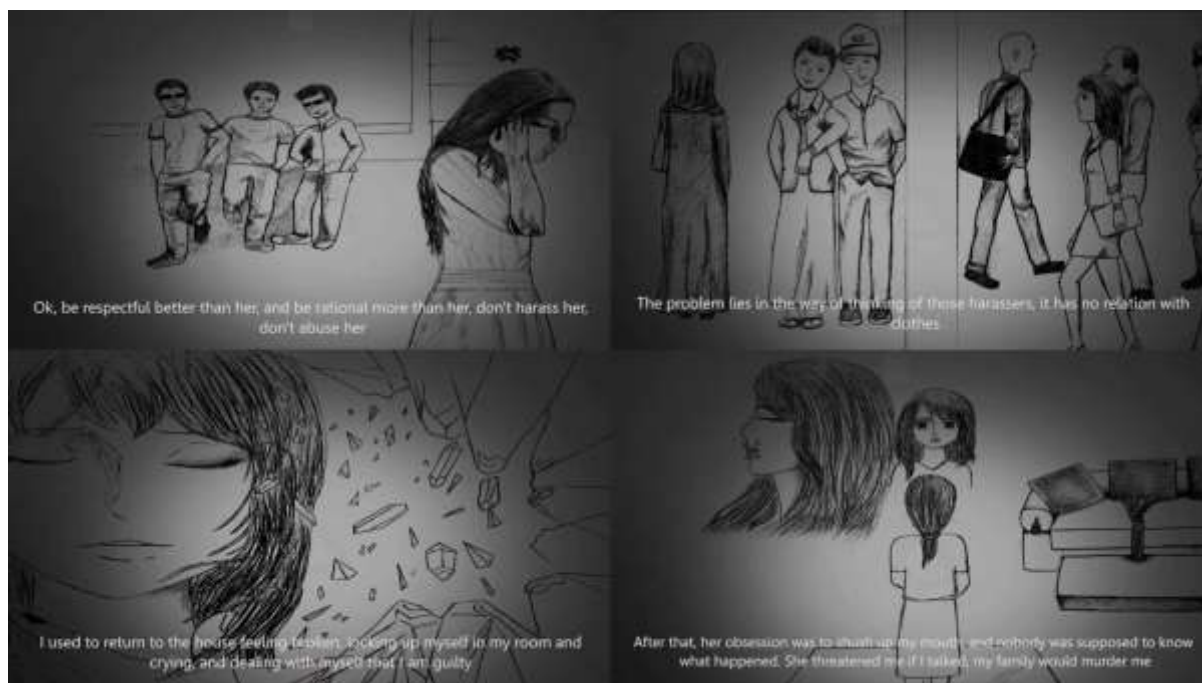


Figura 45 — Ilustrações

Fonte: Frames do vídeo Conscience Shadow (2013)

Os desenhos são bem literais e diretos. Por exemplo, quando a vítima conta que, quando contou para sua mãe que sofreu assédio, sua mãe ficou preocupada com o que a família iria pensar e a proibiu de contar o caso para qualquer outra pessoa, o desenho mostra uma menina diante de sua mãe em uma sala, os olhos da mãe preocupados. No canto do desenho ainda é possível ver uma adição: o rosto da menina de perfil, com sua boca vedada, representando o fato de sua mãe ter a calado sobre o caso.

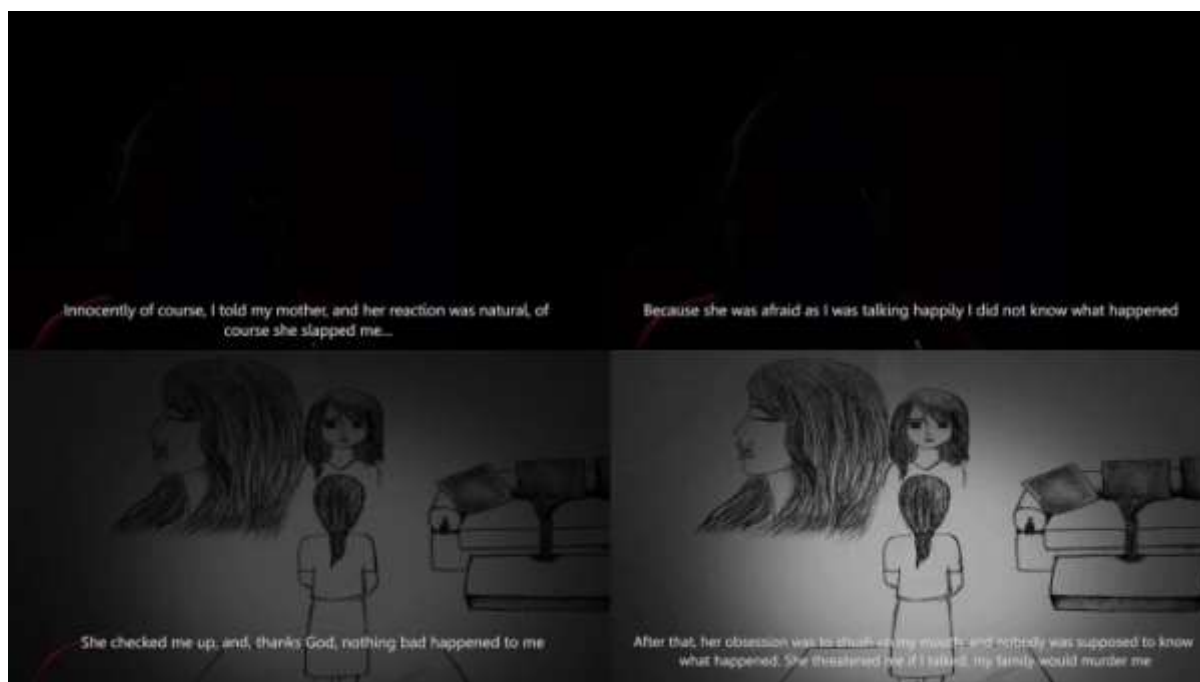


Figura 46 — Relação entre fala e desenho
 Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

Outra ferramenta que o vídeo utilizou para ilustrar o vídeo foi encenações, onde atores interpretavam algumas cenas que se relacionavam às falas dos depoentes.



Figura 47 — Encenação
 Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)



Figura 48 — Encenação (2)

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

O vídeo conclui-se com uma fala da ativista, que é preciso conscientizar a população sobre o problema, pois a iniciativa para acabar com o assédio deve começar primeiro pela sociedade e depois pelo Estado.



Figura 49 — Conclusão

Fonte: Frames do vídeo “Conscience Shadow” (2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feita assim as análises, foi possível observar então que os vídeos utilizam as mesmas ferramentas cinematográficas, mas cada um utiliza elas de formas diferentes, para passar emoções diferentes.

Efeito Dominó	Walking Home	Conscience Shadow
Cores claras	Monocromático	Tons escuros
Montagem aleatória	A montagem conta uma história	A montagem simula uma conversa
Uso de planos	Uso de planos	Pouco uso de planos
Muita movimentação de câmera	Muita movimentação de câmera	Pouca movimentação de câmera
Conversa com a diretora	-	Conversa entre os depoentes
Música delicada	Música imperceptível	Música dramática
Dá voz aos homens	Não dá voz aos homens	Dá voz ao assediador
Mudança vem da criação	Conformação	Mudança vem da sociedade

Tabela 5 — Tabela comparativa
Fonte: Autora

Apesar dos três vídeos falarem do mesmo assunto, eles claramente têm climas diferentes, que se reforçam ao longo de suas durações. O Efeito Dominó, por exemplo, tem um clima muito mais leve e despojado: os depoentes dão risadas, eles contam histórias com um tom de humor, e tudo isso se acentua pelo uso forte da cor laranja. O Walking Home brinca com as cores, sendo os momentos de objetificação em preto e branco, e os momentos em que elas

estão confortáveis em colorido; porém mesmo quando o vídeo está colorido os tons são bem frios, e junto com o uso de filme 16mm, o vídeo fica com um ar caseiro e emocional, familiar. Já no *Conscience Shadow*, tudo é muito escuro, o clima é bem pesado: apenas uma pessoa aparece na câmera, enquanto os outros depoentes ficam no escuro. As cores são sempre fechadas, e há bastante uso de vinhetas, deixando o clima do vídeo bem dramático.

A música também condiz com o clima desses vídeos. Por exemplo, no *Efeito Dominó*, a música aparece apenas duas vezes no vídeo, no começo e no final. Porém, ela é bem leve e delicada, um piano bem calmo. No *Walking Home*, a música aparece apenas durante um minuto, numa cena bastante importante e emocional, reforçando esses sentimentos. Já no *Conscience Shadow*, durante todo o vídeo é possível ouvir um piano tocando, com uma melodia pesada, reforçando o clima do vídeo e o diferenciando dos outros dois.

Os três vídeos utilizam mudanças de planos, mas alguns utilizam mais que outros. No *Efeito Dominó*, por exemplo, quando planos mudam é possível ver partes do estúdio onde o vídeo está sendo gravado; então as vezes a câmera está enquadrada no depoente, e de repente o plano muda e você vê o depoente através de outra câmera, você vê os equipamentos que estão sendo utilizados, às vezes você vê a diretora e as pessoas que estão em volta. O *Walking Home*, ao contrário dos outros, não é um documentário que fala de si mesmo, então ele utiliza os planos como um filme de outro gênero utilizaria, de forma mais intuitiva e contributiva para a narrativa; por exemplo, quando ele precisa dar foco em alguma coisa que está sendo dita no poema e também acontecendo na cena, ele utiliza os planos para enquadrar as partes importantes. Já no *Conscience Shadow* não há muita mudança de plano, e quando há ele apenas desvia do rosto do depoente para focar em suas mãos e nos seus movimentos; e uma vez a câmera até dá um close no assediador quando suas emoções escalam, mas além desses três tipos de planos, ele não varia mais.

Além de não haver muita mudança de plano, no *Conscience Shadow* não há movimentos de câmera (fora as cenas de atuação, que são 5% do vídeo). Ela fica estática, somente mudando os planos de vez em quando. Mas já nos outros dois vídeos, a câmera se move bastante. No *Walking Home*, por exemplo, ela tem um grande significado: muitas vezes, quando a mulher está na

rua, a câmera percorre seu corpo como se estivesse imitando o olhar do assediador. Já no Efeito Dominó, a câmera fica girando durante todo o vídeos, começando mais tímida e reservada até tomar grandes movimentos circulatorios, cortando o rosto dos depoentes. Foi possível perceber esse movimento giratório primeiramente quando os homens estavam depondo, relacionando então o movimento aos homens, podendo haver algum significado ali. Mas depois esse movimento começa a acontecer quando as mulheres depõem também, acabando com qualquer teoria até então.

O Walking Home é um documentário que não fala de si mesmo, porém os outros dois vídeos se reconhecem como documentário. Por exemplo, no Efeito Dominó, a diretora até participa uma vez do vídeo fazendo uma pergunta para uma das depoentes, participando ativamente dele, mostrando então que há uma conversa entre os depoentes e a diretora. Já no Conscience Shadow, a conversa é como se fosse entre os três depoentes, apesar de nunca aparecerem juntos na tela. Eles não estão no mesmo lugar ao mesmo tempo conversando entre si, mas a maneira que a montagem é feita dá a impressão de que eles estão conversando um com o outro: há uma continuidade nas falas, existe a construção de um argumento. Quando o assediador fala uma coisa, a ativista contrapõe, dando então a sensação de que eles estão discutindo entre si.

O homem é retratado de três maneiras diferentes nesses vídeos. No Efeito Dominó o homem tem voz: eles contam suas experiências, como foi crescer com essa cultura do assédio, compartilham suas opiniões. Da maneira que eles falam, as coisas que eles dizem, dá a entender que eles não assediam; eles dizem que foram criados para assediar, mas eles reconhecem isso com uma coisa ruim e vão ensinar seus filhos a não fazerem isso. Então o homem tem uma voz ativa no documentário, mas não como assediador. No Walking Home os homens apenas aparecem no vídeo como assediadores: encarando as mulheres, arremessando garrafa em uma, pegando no braço dela, cantando ela. Já no Conscience Shadow o homem aparece como assediador, mas com voz ativa. Ele fala por que ele assedia, por que ele acha certo assediador, ele fala por que ele gosta de fazer, como ele gosta e quem ele gosta de assediar; ele não tem vergonha nenhuma das coisas que ele diz e das coisas que ele faz.

O Conscience Shadow não utiliza muitos planos ou movimentos de

câmera, mas ele utiliza outros recursos para deixar o vídeo mais dinâmico, como o uso de atuações e desenhos que ilustram as falas dos depoentes. Como o *Walking Home* não tem depoimentos, ele é muito mais dinâmico pois só existe as encenações, mas o *Efeito Dominó* é dominado por depoimentos. As vezes, ele utiliza uma tela destacando a fala de alguns depoentes, agindo quase como uma capitulação pois surge geralmente no início de cada história, mas fora esse recurso, o vídeo é inteiramente focado nos depoentes. O movimento de câmera giratório e a grande variedade de planos podem ser então uma forma de compensar por essa falta de dinâmica do vídeo.

A partir da comparação das análises foi possível observar a influência da nacionalidade no desenvolvimento dos projetos. O projeto feito num país afetado pela guerra e uma cultura conservadora e opressora têm características mais pesadas e dramáticas, tendo como objetivo comover as pessoas, já que ele considera que a mudança deve vir primeiramente da sociedade, para depois se exigir algo do estado. O projeto brasileiro é mais descontraído e positivo, tendo como objetivo mostrar para a sociedade que a mudança vem da criação; e o projeto estadunidense têm características que o fazem parecer mais um filme de hollywood do que um documentário, mostrando a mulher quase que como uma heroína ao final do vídeo, continuando a andar pelas ruas apesar de tudo que acontece.

Eu aprendi muitas coisas com esse trabalho. O país de Iêmen, por exemplo, eu nem sabia que existia, antes de fazer esse trabalho. Mas pesquisando aprendi muito sobre o país, suas leis e costumes, sobre a vida das mulheres lá e sobre a guerra que está acontecendo. Escolher um vídeo de cada país me abriu muito os olhos para o que as mulheres sofrem em outros lugares, as mulheres não-brancas nos Estados Unidos, as mulheres árabes do Iêmen; o trabalho expandiu muito mais meus horizontes na questão do assédio em espaço público e mulher. Além disso, claro, aprendi muito sobre análise. No momento eu não consigo assistir nada sem estar automaticamente analisando, pensando sobre os planos que estão sendo usados e por que a câmera está se movendo de tal maneira; apesar de às vezes eu querer desligar esse conhecimento eu consigo ver as coisas de forma muito mais profunda agora, um foco já não é mais só um foco e tudo pode ter mais significados.

Houve alguns obstáculos, alguns eu superei, alguns não foi possível.

Alguns deles eram sobre o trabalho: dificuldade de achar material sobre o vídeo árabe, tive que pesquisar realmente em árabe pra achar alguma informação, a subjetividade da linguagem cinematográfica, que me deixava com medo de estar analisando alguma coisa de maneira errada. Assim então os outros obstáculos foram eu mesma, tinha dificuldade de escrever por estar sempre em dúvida se eu estava atendendo as expectativas da banca de maneira correta, se tinha conseguido consertar o que me orientaram a concertar.

O tempo também foi um dos obstáculos, porém com o recorte e a determinação do meu objetivo foi possível focar no que eu tinha que realmente fazer e terminar a tempo. Mas ainda vejo muitos caminhos para esse trabalho, fora do recorte. Daria pra se fazer um trabalho inteiro apenas de um desses documentários, analisando todas suas características e não apenas as mais distintivas. Poderia analisar mais vídeos desses países selecionados para realmente averiguar como a nacionalidade afeta como essas mensagens são transmitidas. Mas dentro do recorte feito, estou satisfeita com esses resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

LIVROS

BRAGA, Marcos da Costa. **O Papel Social do Design Gráfico**. São Paulo: Senac São Paulo, 2011.

GARDNER, Carol Brooks. **Passing By: Gender and Public Harassment**. California: University of California Press, 1995.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção**. São Paulo: Gustavo Gili, 2007.

SOLNIT, Rebecca . **Wanderlust: A History of Walking**. New York: Viking Penguin, 2001.

STOP STREET HARASSMENT. **Unsafe and Harassed in Public Spaces: A National Street Harassment Report**. Reston, 2014.

LERNER, Gerda. **The Creation of Patriarchy**. Oxford University Press, 1986.

WIGLEY, Mark. Untitled: The Housing Of Gender. Em: COLOMBINA, Beatriz; BLOOMER, Jennifer (Editoras). **Sexuality & Space**. Princeton Architectural Press, 1992.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinema e pós-cinema**. Campinas: Papyrus, 1997.

SITES

ACTIONAID. **Brasil lidera assédio de mulheres em espaço público**. Disponível em: <<http://actionaid.org.br/noticia/brasil-lidera-assedio-de-mulheres-em-espaco-publico>>. Acesso em: 28 de Novembro de 2017.

EFEITO DOMINÓ. Disponível em: <<http://thaismaranho.wixsite.com/efeitodomino>>. Acesso em: 05 de Dezembro de 2017.

LENIN, Vladimir Ilyich. **What Is To Be Done?**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1901/witbd/iii.htm>>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

HANISCH, Carol. **The Personal Is Political**. Disponível em: <<http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>>. Acesso em 23 de Abril de 2018. Tradução disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/190219/O+Pessoal%2B%C3%A9%2BPol%C3%ADtico.pdf>> Acesso em: 23 de Abril de 2018.

BUCKLEY, Nathaniel Garcelon. **Sexual Harassment on Public Transit and the Influence of Perceptions of Safety on Travel Behavior**. Disponível em: <<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/41496/BUCKLEY-MASTERSREPORT-2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

GREEN, John. **'The most important of arts': film after the Russian Revolution**. Disponível em: <<http://www.culturematters.org.uk/index.php/arts/films/item/2553-the-art-and-politics-of-film-after-the-russian-revolution>>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

PORTAL DO MARKETING. **O Significado das cores: O laranja em Propaganda, Publicidade e Marketing**. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.net.br/o-significado-das-cores-o-laranja-em-propaganda-publicidade-e-marketing/>>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

SIGNIFICADOS. **Significado da Cor Laranja**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/cor-laranja/>>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

NUALA CABRAL. **The NYC Newsstand: Black Womens' Bodies For Sale**. Disponível em: <<https://nualacabral.wordpress.com/2011/05/23/the-news-stand>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

HKEARL. **Power in storytelling: interview with film maker Nuala Cabral**. Disponível em: <<http://www.stopstreetharassment.org/2011/03/power-in-storytelling-interview-with-filmmaker-nual-cabral>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

MANDY VAN DEVEN. **TAKIN**. Disponível em: <<http://www.bitchmedia.org/post/takin%E2%80%99-it-to-the-streets-walking-home-with-nuala-cabral>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

MARISA WONG. **Educator, Filmmaker and Activist Nuala Cabral Takes On Street Harassment.** Disponível em: <<https://blog.witness.org/2011/12/educator-filmmaker-and-activist-nuala-cabral-takes-on-street-harrassment/>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

NATHALIA ILOVATTE. **Mulheres desabafam sobre assédio sexual em documentário brasileiro.** Disponível em: <<https://diversao.r7.com/pop/mulheres-desabafam-sobre-assedio-sexual-em-documentario-brasileiro-13062017>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

EFEITO DOMINÓ. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DominoEfeito>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

AMR NABIL. **Harassment across Arab world drives women inside.** Disponível em: <https://usatoday30.usatoday.com/news/world/2009-12-15-sexual-harassment_N.htm>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

GHAIDAA AL-ABSI. **Who is to blame? Street sexual harassment in Yemen.** Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/5050/ghaidaa-al-absi/who-is-to-blame-street-sexual-harassment-in-yemen>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

AMAL AL-YARISI. **Harassment : Suffering in the absence of awareness and law.** Disponível em: <<https://www.almadaniyamag.com/english/2017/11/14/harassment-suffering-in-the-absence-of-awareness-and-law>>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

UNICEF. **Falling through the cracks: The children of Yemen.** Disponível em: <https://www.unicef.org/videoaudio/PDFs/Yemen_2_Years_-_children_falling_through_the_cracks_FINAL.pdf>. Acesso em: 03 de Junho de 2018.

DANIEL SERRANO. **Can New Laws Stop Men From Harassing Women in Public?** Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/xd7daw/can-laws-stop-men-from-harassing-women-in-public-617>. Acesso em: 05 de Junho de 2018.

REVISTA FÓRUM. **Câmara torna crime importunação sexual em espaço público.** Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/camara-torna-crime-importunacao-sexual-em-espaco-publico/>>.

VÍDEOS

Efeito Dominó. **Efeito Dominó - Vol 1, O Assédio**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bpX1XgnpFIA>>. Acesso em: 20 de Março de 2018.

NCabral Films. **Walking Home**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D2Qpi-fW6jA&t=1s>>. Acesso em: 20 de Março de 2018.

UN Yemen. **“Conscience Shadow” by Abeer Sallam**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y6L_gxPL4LI>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

FilMagicians. **Telescope — Alfred Hitchcock Interview (1964)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JXNbF2AA1qo>>. Acesso em: 23 de Abril de 2018.

ARTIGOS

SOUZA, Izabely da Silva. **A importância do Designer nos meios Audiovisuais**. Amazonas, 2017.

YAVUZ, Nilay, WELCH, Eric W. **Addressing Fear of Crime in Public Space: Gender Differences in Reaction to Safety Measures in Train Transit**. Chicago, 2010.

APÊNDICE A

Tabela elaborada com as sugestões de alguns entrevistados sobre assédio em transporte público.

“Reeducar as pessoas através de palestras e propagandas.”	“Conscientizar para que haja mais denúncias.”	“Campanhas que ajudem a trazer mais informações de como reagir.”
“Mais informação sobre assédio.”	“Mais divulgação nos meios de comunicação expondo os homens e incentivando as mulheres a denunciar.”	“Maior educação e informação para os garotos.”
““Educar, orientar.”	“Educação de gênero para mudar o comportamento e campanhas de informação sobre como agir quando acontecer. “	“Melhorar educação da população (direitos, deveres, respeito).”
“Conscientizar as mulheres a união e denúncia.”	“Acesso à informação.”	“Incentivar as mulheres a fazer a denúncia com campanha informativa.”
“Campanhas que incentivem a fiscalização de cidadãos e não permita este tipo de comportamento contra ninguém”	“Campanhas dentro do ônibus dizendo o que as mulheres devem saber quando se sentirem ameaçadas dentro dos ônibus.”	“Seria necessário campanhas para frisar que isso não é bom, conscientizar a população e reforçar para as pessoas não ficarem caladas”

<p>“Mais campanhas sobre o assunto.”</p>	<p>“Campanhas sensíveis de conscientização.”</p>	<p>“Campanhas educativas sobre a culpa jamais ser da mulher em escolas e nas estações.”</p>
<p>“Problema do assédio vem da educação. Enquanto não há educação, não há respeito pela mulher.”</p>	<p>“Campanhas de conscientização, educação nas escolas, nas comunidades e em locais ocupados majoritariamente por homens (quartéis militares, presídios, construções).”</p>	<p>“Educação de cunho humano e de socialização.”</p>
<p>“Campanha informativa. Incentivo à denunciar. Esclarecer o que é assédio.”</p>	<p>“Conscientização de ações para denúncia - tanto das mulheres, quanto dos motoristas e cobradores.”</p>	<p>“Campanhas de conscientização entre todas as faixas etárias. Tem que haver conscientização desde criança.”</p>
<p>“Informar as pessoas de maneira preventiva, divulgar a situação atual para a população. Orientação de conduta.”</p>	<p>“Gerar mais campanhas públicas de conscientização e denúncia.”</p>	

APÊNDICE B

AUTORA	TERMO	DEFINIÇÃO
Carol Brooks Gardner (1995)	Public Harassment	“Public harassment is that group of abuses, harrings, and annoyances characteristic of public places and uniquely facilitated by communication in public. Public harassment includes pinching, slapping, hitting, shouted remarks, vulgarity, insults, sly innuendo, ogling, and stalking. Public harassment is on a continuum of possible events, beginning when customary civility among strangers is abrogated and ending with the transition to violent crime: assault, rape, or murder.”
Cynthia Grant Bowman (1993)	Street Harrassment	“Street harassment occurs when one or more unfamiliar men accost one or more women in a public place, on one or more occasion, and intrude or attempt to intrude upon the woman’s attention in a manner that is unwelcome to the woman, with language or action that is explicitly or implicitly sexual. Such language includes, but is not limited to, references to male or female genitalia or to female body parts or to sexual activities, solicitation of sex, or reference by word or action to the target of the harassment as the object of sexual desire, or similar words that by their very utterance inflict injury or naturally tend to provoke violent resentment, even if the woman did not herself react with violence.”
Hawley Fogg-Davis (2005)	Sexual Terrorism/Street Harrassment	“Sexual terrorism is an apt description of street harassment. As a young woman you know it will happen, but you never know for certain when or how it will happen. This makes street harassment hard to define, and difficult to combat. Its insidiousness derives in large measure from its venue: the semi-private, semi-public everyday occurrence of walking, sitting, or standing along city streets, or other public spaces such as parks and shopping malls.”
Micaela di Leonardo (1981)	Street Harassment	“Street harassment occurs when one or more strange men accost one or more

		women... in a public place which is not the women's worksite. Through looks, words, or gestures, the man asserts his right to intrude on the women's attention, defining her as a sexual object, and forcing her to interact with him."
Cynthia Grant Bowman (1993)	Street Harassment	"Street harassment occurs when one or more unfamiliar men accost one or more women in a public place, on one or more occasion, and intrude or attempt to intrude upon the woman's attention in a manner that is unwelcome to the woman, with language or action that is explicitly or implicitly sexual. Such language includes, but is not limited to, references to male or female genitalia or to female body parts or to sexual activities, solicitation of sex, or reference by word or action to the target of the harassment as the object of sexual desire, or similar words that by their very utterance inflict injury or naturally tend to provoke violent resentment, even if the woman did not herself react with violence."

ANEXO A

You see me
 A woman on the street
 Brown silky legs, small breasts, long curly hair
 In a sun dress
 Jeans and sweatshirt, doesn't matter.

You don't remember me
 You don't even know me
 But I know you
 And I know what's next.

You grab my arm
 You turn around and stare
 You say, "Psst! Ay shawty!" (ugh) "Smile!" (sigh)
 "Damn sexy you got a fat ass" (Leave me alone man, just leave me alone!)
 "Where u going? I see you're on the phone but can I interrupt you for a minute?"
 "I'd fuck the shit out of that."
 "Oh you don't speak? Well fuck you then!"
 (I'm sorry nana, yeah, I'm still here)

Yesterday I think you remembered me
 'Cuz you called me sister when I was wearing my dashiki
 But today you call me sexy and wait for me to respond with a blush
 You expect me to feel honored by your recognition
 But sexy is not my name.

So then you ask, what's your name?
 Like it matters.
 After all a body doesn't need a name
 Does it?

My name is Lucy and it means light
 My name is Tarik
 It means history in Tagrina
 See I was born in a time of war
 Eritrea was fighting for its independence
 My name is Jazmine, with a "z" not an "s"
 My name is Kendall and it means ruler of the bright sun valley
 My name is Malaika
 It means messenger of God
 My name is Nuala
 Its Gaelic
 My mom named me to mark the Irish in me, she said
 Dad approved
 He called me the New Wailer
 "Cause you were born after Bob died"

Where am I going? To class
 Stayed up all night writing this paper, grading these exams
 So hard to grade exams when you don't believe in what grades stand for, and often omit
 Where am I going?
 To a better place
 A place where I can walk down the street and smile
 Not to please you or to invite you
 But because I'm happy

Just because I'm happy

I'll walk

Silky brown legs, small breasts, hair down my back
 And a heart beating to zydeco and Cape Verdean beats
 And a heart beating tagrina namira bairia beats
 Comfortable.
 Comfortable.

This response in my head is not what you come to hear and
 Not what I care to share so
 I silently shake my head walk by you
 Half smiling
 Half polite
 Half enraged
 You see neither.

You see a brown body, silky legs
 Ignoring you

Bitch

Sexy

A bottle crashes and the damage is done
 But the brown body walks on and I'm somewhere else
 In a better place
 Leaving you behind

The air whispers: this is your home too
 I know your name
 Walk on

So I do.

— Nuala Cabral, em *Walking Home* (2012)

ANEXO B

Walking Home Discussion Guide

Before or after screening [the film](#), get a sense of your **audience's experience** with street harassment. Ask the audience members to raise their hand if they have ever:

- been followed on the street by a stranger
- been shouted out, cat-called
- been grabbed or slapped
- seen any of these things happen to someone else

Make note of how many folks have raised their hands. Ask if anyone wants to share their story.

Optional Student Engagement Activity (before or after watching the film)

Allow students to generate and role-play three different reactions to the same street harassment scenario (i.e. catcalling, shouting, etc.) Each scenario should have at least one walker, talker and by-stander. After the role-play, discuss the perspectives, choices and consequences involved.

Suggestions for general questions to spark discussion after the film:

1. How do you define street harassment?
2. If you could respond to one character in the film, who would it be and what would you say?
3. What part of the film made the strongest impression on you?
4. What are different ways that people react to street harassment? Where do these reactions come from?
5. Why do you think street harassment happens?
6. One of the opening shots in *Walking Home* (00:12) shows a woman walking past a magazine stand where women's bodies gloss the covers. Why do you think the filmmaker chose that shot?



7. How do you feel when you witness street harassment? Is it a good idea to intervene when witnessing street harassment? Are there certain factors worth considering before intervening?
8. Who is responsible for ending street harassment? What different roles can people play to create safer streets for everyone?

WALKING HOME Transcript

You see me

A woman on the street

Brown silky legs, small breasts, long curly hair

In a sun dress,

Jeans and sweatshirt, doesn't matter.

You don't remember me- you don't even *know* me

But I know you--

And I know what's next.

You grab my arm,

you turn around and stare

You say, "Ay Shawty"

"Psst!" (Ugh)

"Smile!" (sigh)

"Damn sexy you got a fat a**" (Leave me alone man, just leave me alone!)

"Where u going? I see you're on the phone but can I interrupt you for a minute?"

"I'd f*** the shit out of that."

"Oh you don't speak? Well f*** u then!" (I'm sorry nana, yeah, I'm still here)

Yesterday I think you remembered me 'cuz you called me sister when I was wearing my dashiki

But today you call me sexy and wait for me to respond with a blush.

You expect me to feel honored by your recognition.

But sexy is not my name.

So then you ask, what's your name?

Like it matters.

After all a body doesn't need a *name*... does it?

My name is Lucy and it means light.

My name is Tarik. It means history in Tagrina. See I was born in a time of war. Eritrea was fighting for its independence.



My name is Jazmine, with a "z" not an s.

My name is Kendall and it means ruler of the bright sun valley.

My name is Malaika and it means messenger of God.

My name is Nuala. Its Gaelic. My mom named me to mark the Irish in me she said. Dad approved. He called me the New Wailer. "Cause you were born after Bob died."

Where am I going?

To class. Stayed up all night writing this paper, grading these exams. So hard to grade exams when you don't believe in what grades stand for-- and often omit.

Where am I going?

To a better place.

A place where I can walk down the street and smile,
not to please you or to invite you.

But because I'm happy.

Just because I'm happy.

I'll walk,

silky brown legs, small breasts,

hair down my back,

and a heart beating to zydeco and Cape Verdean beats.

And a heart beating tagrina namira bairia beats, comfortable.

Comfortable.

Comfortable.

This response in my head is not what you come to hear and
not what I care to share so

I silently shake my head walk by you,

half smiling,

half polite, half enraged,

you see neither.

You see a brown body, silky legs,



ignoring you.

B****.

A bottle crashes and the damage is done, but the brown body walks on
and I'm somewhere else-

In a better place.

Leaving you behind.

The air whispers:

this is your home too

I know your name. Walk on.

So I do.

